

Is 25,6-12: anúncio histórico, escatológico ou apocalíptico?

Is 25,6-12: historical, eschatological or apocalyptic announcement?

*Leonardo Agostini Fernandes**

Resumo: Em nome de YHWH, um “profeta” anuncia eventos grandes e maravilhosos para a comunidade dos fiéis e para todos os povos: a fartura ao invés da penúria, a vida ao invés da morte, a alegria ao invés do pranto, a vitória ao invés da derrota. É o fim da dor, do sofrimento, da morte e do opróbrio do povo eleito. A salvação chegou para os fiéis que colocaram em YHWH a sua esperança e ainda contemplarão um último ato salvífico: a destruição, o rebaixamento da cidade inimiga e de suas fortificações. Vitória para os que confiaram em YHWH e derrota para os ímpios. Este anúncio interessa a quem fala para uma comunidade que não deixou de acreditar em YHWH e na sua intervenção salvífica. Uma comunidade que tem vivido na penúria, suportando dor e sofrimento, convivendo com a morte e o opróbrio, mas agora se alegra, pois o bem triunfa sobre o mal. A salvação é tão certa, que o anúncio do banquete é feito antes do anúncio da destruição da morte e da condenação do inimigo. Celebra-se antes o que virá depois. Esta inversão revela a certeza de quem fala a respeito da ação

* Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Docente de Sagrada Escritura do Departamento de Teologia da PUC-Rio e do ISTARJ. E-mail: laf2007@puc-rio.br.

de YHWH a favor do seu povo. Is 25,6-12, visto no conjunto da Bíblia Hebraica, é um anúncio inédito tanto pelos termos-locuções como pela mensagem transmitida. Uma questão pode ser levantada: Trata-se de um anúncio histórico, escatológico ou apocalíptico?

Palavras-chave: Escatologia; Justiça Divina; Juízo de condenação; Juízo de salvação

Abstract: In the name of YHWH, a "prophet" announces great and wonderful events for the community of believers and for all peoples: the abundance instead of scarcity, life instead of death, joy instead of sorrow, the victory rather than defeat. Is the end of pain, suffering, death and the opprobrium of the elected people. Salvation came to the faithful who have put in YHWH your hope and salvific rules cover a last act: the destruction, the relegation of enemy city and its fortifications. Victory for those who have trusted in YHWH and defeat for the wicked. This announcement concerns who speaks to a community that did not believe in YHWH and salvific in his speech. A community has lived in penury, supporting pain and suffering, living with death and disgrace but now rejoices because the good triumphs over evil. Salvation is so certain that the announcement of the banquet is done before the announcement of the destruction of the death and condemnation of the enemy. Celebrated before what will come after. This reversal reveals the certainty of the action of YHWH in favor of his people. Is 25,6-12, seen throughout the Hebrew Bible, is an ad unheard of both by-phrases as the transmitted message. A question may be raised: It is an historic, an apocalyptic or an eschatological announcement?

Keywords: Eschatology; divine justice; Judgment of conviction; Judgment of salvation

1. Introdução

Um texto bíblico possui um grande número de informações a serem percebidas e pesquisadas: pessoas, locais, circunstâncias, eventos, situações, relações, estratégias comunicativas etc¹. Os responsáveis pelo texto almejam e demandam a atenção do ouvinte-leitor. Em geral, pode-se pensar nessas informações a partir das noções básicas presentes no processo comunicativo: *um emissor, uma mensagem e um receptor*. Este deve ser capaz de receber, guardar e transmitir, com fidelidade, o conteúdo da mensagem que, em última instância, tem origem divina, porque inspirado por Deus.

Para o ouvinte-leitor contemporâneo, porém, essas informações não são suficientes para se obter uma correta compreensão e vislumbrar o alcance teológico do que se está lendo e estudando². Contudo, quem deseja se aproximar corretamente dos textos bíblicos, pela fé e pela razão, precisa munir-se de ferramentas adequadas para adentrar nesse vasto e inesgotável campo de estudo que demanda um conhecimento tanto da cultura judaico-cristã como das suas relações com o Antigo Oriente Próximo (AOP).

No caso de um texto profético, é preciso lembrar e reconhecer que o fenômeno da profecia não foi algo exclusivo ou inédito no antigo Israel. Esse fenômeno tem seus antecedentes nos povos circunvizinhos. Todavia, a profecia bíblica possui a sua própria história e a sua originalidade frente ao fenômeno profético no Egito, em Canaã e na Mesopotâmia³.

Por que surgiram os profetas? Quem são eles? Qual a sua missão? São visionários, charlatãs, ou pessoas que perceberam e compreenderam bem o presente e, por isso, puderam falar a respeito dos rumos da história para além da própria época? Por que, exigindo um posicionamento das lideranças, tentaram

¹ Este artigo apresenta o desenvolvimento da temática comunicada no V Congresso da ANPTECRE “Religião, Direitos Humanos e Laicidade”, realizado em maio de 2015 na PUCPR.

² Cf. SILVA, L. H. E. “O Sentido Teológico do Texto Bíblico”, p. 9-27.

³ Cf. SICRE, J. L. *Profetismo em Israel*, p. 203-230; LIMA, M. L. C. *Mensageiros de Deus*, p. 33-52.

implementar um sistema social em que a justiça fosse, de fato, a regra básica das relações tanto da vertical (com YHWH) como da horizontal (com o semelhante)?

Nos níveis, pessoal e social, sempre existiram problemas de *ordem relacional, cultural e religioso* que implicavam e interagiam, principalmente, nos aspectos *político e econômico*. Acrescente-se a isso um fator essencial: a luta contra as enfermidades, doenças e, em particular, todo o esforço para afastar a morte. Nesse contexto, a pessoa do mediador religioso torna-se imprescindível para que se restabelecesse a ordem psicossocial, pois as enormes diferenças sociais demandavam por soluções que ultrapassavam as capacidades e as forças humanas. A religião jogava e ainda joga um papel preponderante e, em muitos casos, decisivo em certas questões sociais.

Para se perceber a importância e o alcance da profecia bíblica, é preciso lembrar que ela é uma das instituições que determinaram o curso da história tanto do judaísmo (cf. Eclo 48,1-14.22-25; 49,10) como cristianismo (cf. 2Pd 1,20-21). Não há, porém, na pesquisa sobre a profecia, um consenso: a) sobre as conexões, as posições institucionais e sociais dos diversos tipos de profecia; b) sobre as relações entre experiência profética, tradição e história da edição dos livros proféticos⁴.

2. O livro de Isaías

Excetuando-se o Saltério, o livro do profeta Isaías é o maior livro do Antigo Testamento e é um dos mais citados no Novo Testamento (aproximadamente 85 citações). Desde o final do século XVIII, admite-se que este livro é uma obra complexa e que passou por um longo processo até chegar à sua forma final e canônica. O livro foi, inicialmente, dividido em duas partes: pré-exílica (cc. 1–39) e pós-exílica (cc. 40–66)⁵. Mais tarde, a segunda parte foi alvo de nova divisão e datação: final do exílio (cc. 40–55), e pós-exílico (cc. 56–66). A

⁴ Cf. BLENKINSOPP, J. Storia della profecia in Israele, p. 7.

⁵ Döderlein (1775) e Eichhorn (1780) foram os primeiros a falar das duas partes, admitindo dois autores distintos para o livro de Isaías (apud ACHARD, R. M. “Isaia”, p. 78).

atual divisão, em três partes, deve-se a Duhm⁶. Estas três partes, então, passaram a ser classificadas, respectivamente, como Proto-Isaías (cc. 1–39*), Dêutero-Isaías (cc. 40–55) e Trito-Isaías (cc. 56–66). Na base dessa classificação encontram-se considerações de ordem histórica, literária e teológica aplicadas ao livro.

Os estudos que se seguiram a Duhm, lamentavelmente, nem sempre procuraram averiguar e apontar as possíveis ligações internas entre as partes do livro. Quando se falava nas relações entre as partes, dizia-se que o Trito-Isaías fosse apenas um discípulo do Dêutero-Isaías, ou vice-versa, ou ainda que as três partes estivessem em relação devido à formação de uma tradição isaiana, que se originou graças à pregação do profeta, dando início a uma escola de discípulos que procurou preservar a doutrina do mestre jerusalimita e cortesão da Casa de Judá (cf. 2Rs 19,1-7.20-24; 20,1-19; Is 37,21-35)⁷.

Nos últimos anos e nos novos estudos sobre os textos isaianos, percebe-se uma atenção maior no que diz respeito à formação do livro. Embora a tríplice nomenclatura continue sendo utilizada, há textos que não pertencem aos supostos “autores” das três partes em que o livro foi dividido. Procura-se entender como ocorreu a coleção e o agrupamento dos oráculos que estão entrelaçados, por exemplo, com narrativas e hinos (cf. Is 7,1–8,29).

Admite-se nas pesquisas hodiernas que existe certa autonomia entre as três partes principais, mas esta autonomia não invalida as várias interfaces textuais que se encontram entre elas. Pode-se aceitar que o livro de Isaías é fruto de um elaborado e longo processo de composição que passou pelas habilidosas mãos dos que souberam articular bem as temáticas e fizeram muito mais que uma simples união de três obras consideradas independentes⁸.

⁶ Cf. SEVERINO CROATTO, J. *Isaías*, p. 12-13; VERMEYLEN, J. “Isaías”, p. 401; MARCONCINI, B. “Isaia”, p. 86-87.

⁷ Para J. L. Sicre (*Com os pobres da Terra*, p. 247): “... a escola de Isaías não modificou essencialmente o pensamento do profeta; enriqueceu-o e completou-o, sem se afastar de suas diretrizes”.

⁸ Cf. RENDTORFF, R. *Introduzione all'Antico Testamento*, p. 255-258.264-267. Para um estudo temático, veja-se VLKOVÁ, G. I. *Cambiare la Luce in Tenebre e le Tenebre in Luce*, 2004.

Quanto a isso, os cc. 40–55, pelos temas tratados e palavras-chave, possuem elos e pontos que articulam e ligam a primeira (cc. 1–39*) com a terceira parte (cc. 56–66). Oráculos de condenação e de salvação aparecem nas três partes. Se, por um lado, a condenação não possui a última palavra sobre a história, por outro lado, a salvação ainda não aconteceu de forma definitiva e universal. Nessa dialética, não existe condenação ou salvação sem um juízo pronunciado por YHWH, porque é o único soberano que tem a última palavra sobre a história de cada indivíduo e da coletividade.

O texto de Is 25,6-12 utiliza imagens e aspectos marcantes: banquete de comidas suculentas e bebidas encorpadas (v. 6); a coberta ou tela que estava sobre a face dos povos e nações será retirada (v. 7); a morte será tragada (v. 8); a fé não decepciona (v. 9); o inimigo será tratado sem piedade (v. 10); o uso da metáfora do nadador que não consegue se salvar (v. 11); a fortificação reduzida ao pó (v. 12). Todas estas imagens, com a sua linguagem própria, permitem formular um questionamento: Is 25,6-12 é um texto profético de cunho histórico, escatológico ou apocalíptico?⁹

3. Contexto histórico-literário

Is 25,6-12 está inserido em um bloco intitulado: *grande apocalipse* (Is 24–27). Esta designação serve para diferenciar do *pequeno apocalipse* (Is 34–35). É uma classificação segundo o gênero literário denominado *apocalíptico*¹⁰. Esses dois blocos (Is 24–27 e 34–35) antecipam a restauração de Jerusalém e falam do alegre retorno dos exilados, mas a razão para denominá-los como apocalípticos deve-se a uma variedade de temas (“o juízo definitivo e universal”; “o estabelecimento de YHWH como rei”; “a vitória de YHWH sobre os povos e a reunião de Judá no meio da catástrofe universal”; “a ressurreição dos piedosos”);

⁹ Para os termos *apocalíptico* e *escatológico*, vejam-se os estudos de: LIMA, M. L. C. “Escatologia”, p. 255-266; *Salvação entre Juízo, Conversão e Graça*, p. 15-63; FERNANDES, L. A. *A Dimensão Escatológica do Yôm YHWH em Sf 1,14-18*, p. 146-155; LLAMAS VELA, A. “La Apocalíptica”, p. 71-83.

¹⁰ Cf. LLAMAS VELA, A. “La Apocalíptica”, p. 73.

de *linguagem* (velada e misteriosa) e de *estilo* (enfático, descrevendo acontecimentos cósmicos terríficos), que são próprios desse gênero literário¹¹.

No caso de Is 24–27, textos descritivos e hinos estão entrelaçados, sem uma óbvia relação orgânica, mas aparecem unidos por um tema essencial: a vitória de YHWH sobre os ímpios e de sua cidade, Jerusalém, sobre a cidade do mal¹². Esses quatro capítulos (Is 24–27) não possuem semelhança de conteúdo, estilo ou maneira de se expressar como nos textos do Proto-Isaías (Is 1–39*), mas possuem certa unidade interna¹³.

Elementos unificantes podem ser percebidos, levando-se em conta o tema em torno da cidade (cf. Is 24,10-12; 25,1-5; 26,1-6), e a menção da morte (cf. Is 24,17-23; 25,6-8; 26,11-19), bem como o frequente esquema ameaça-guerra, vitória-paz, o juízo contra os malvados e a instauração de um reino pelo resto que foi purificado. A maior discussão gira em torno do conteúdo que precede e ao que se segue a Is 24–27. Esta discussão induz a pensar que esse material não proviria, inclusive, de um mesmo autor¹⁴.

¹¹ Cf. SIMIAN-YOFRE, H. *Testi Iaiani dell'Avvento*, p. 55. A designação “apocalipse de Isaías” não é totalmente apropriada, pois algumas características deste gênero não estão presentes em Is 24–27. Por exemplo: pseudonímia, visões, simbolismo, esoterismo, uso dos números com sentido misterioso, tendência dualista, reinterpretação e dependência de antigas profecias (cf. BALLARINI, P. T. *Introdução à Bíblia*, p. 102; SEVERINO CROATTO, J. *Isaías*, p. 147).

¹² Cf. ALONSO SCHÖKEL, L. – SICRE DIAZ, J. L. *Profetas I, Isaías e Jeremias*, p. 208-210.

¹³ Para E. Sellin – G. Fohrer (*Introdução ao Antigo Testamento*, p. 552-553), apesar do complicado processo de formação, existe visão de conjunto e certa unidade literária em Is 24–27. O contexto unificador é de índole litúrgica: Is 24,1-20 seria a *Primeira liturgia profética*; Is 24,21–25,12 seria a *Segunda liturgia profética*; e Is 27,1-6.12-13 seria a *Terceira liturgia profética*; A mesma posição encontra-se em J. D. W. WATTS. *Isaiah 1–33*, p. 310-311.326-335; e em MCKENZIE, J. L. “Isaías” e “Sacerdócio”, p. 451.

¹⁴ Cf. MARCONCINI, B. “Isaia”, p. 219. Para A. Robert – A. Feuillet (*Introdução à Bíblia* [Tomo II], p. 105): “A falta de estrutura lógica não é, em terreno apocalíptico, um sinal de duas mãos diferentes na elaboração de um livro”. Contrários a esse parecer, L. Alonso Schökel – J. L. Sicre Diaz (*Profetas I, Isaías e Jeremias*, p. 208-209) admitem que o material de Is 24–27 não proviria de um mesmo autor, porque se encontram no texto repetições desnecessárias, assimetrias confusas e ampliações prolixas. Parecer semelhante possui SEVERINO CROATTO, J. *Isaías*, p. 147-148.

É admissível que o bloco de Is 24–27 não pertença ao profeta Isaías¹⁵, que atuou na segunda metade do século VIII a.C., entre os anos 740-701 a.C.¹⁶, durante o reinado de Joatão (740-735 a.C.)¹⁷, de Acáz (735-728 a.C.)¹⁸, e de Ezequias (728/716-698 a.C.)¹⁹. A conclusão mais plausível é que Is 24–27 seria um acréscimo devido às conexões com a mensagem do profeta Isaías que demonstrou ser um amante de Jerusalém. Os responsáveis por este acréscimo, conhecendo a herança profética de Isaías, ao incluir Is 24–27 no conjunto de Is 1–39, não se preocuparam quanto à mudança de linguagem e de estilo, mas teriam procurado reinterpretar a mensagem do profeta, atualizando-a de acordo com novas necessidades que se apresentaram com a queda de Babilônia²⁰.

A negação da autenticidade isaiana de Is 24–27 apresenta-se como uma opinião comum, fundada sobre razões de ordem teológica, pois é estranho ao profeta Isaías um juízo universal, bem como a ausência de um discurso sobre os anjos, que regem os povos, e o tema da vitória sobre a morte. A dúvida legítima deriva do fundo histórico e do modo literário de proceder de maneira vaga e, ao mesmo tempo, enfático nas afirmações²¹.

¹⁵ Sobre a pessoa do profeta e sua época de atuação, veja-se ASURMENDI, J. M. *Isaías 1–39*, p. 21-26; MONTAGNINI, F. *Isaías 1-19*, p. 5-15; SEVERINO CROATTO, J. *Isaías*, p. 15-27.

¹⁶ Acredita-se que a maior parte das palavras proferidas pelo Isaías histórico encontre-se em Is 1–12: oráculos sobre Judá; Is 13–23: oráculos sobre as nações; e Is 28-30: conjuntamente, oráculos sobre Judá e Israel (cf. ACHARD, R. M. “Isaia”, p. 80; CAPPELLETTO, G. – MILANI, M. *In ascolto dei profeti e dei sapienti*, p. 92).

¹⁷ Joatão reinou durante uma época de liberdade política e de prosperidade econômica, mas a situação social e religiosa era preocupante, principalmente devido às injustiças cometidas pelos juízes, que se tornaram grandes proprietários de terras e pelos que governavam o povo. O pecado é denunciado e o castigo anunciado a fim de que ocorra uma sincera conversão (cf. ACHARD, R. M. “Isaia” p. 84-85; ALONSO SCHÖKEL, L.–SICRE DIAZ, J. L. *Profetas I, Isaías e Jeremias*, p. 103-104; CAPPELLETTO, G. – MILANI, M. *In ascolto dei profeti e dei sapienti*, p. 93). Então, durante a infância e a juventude de Isaías (760-734 a.C.), Judá-Jerusalém estava atravessando um período de relativa paz e prosperidade devidas, principalmente, às construções e expansões comerciais (cf. VERMEYLEN, J. “Isaías”, p. 406-407; SICRE, J. L., *Com os pobres da Terra*, p. 248-250).

¹⁸ Acáz, ao que tudo indica, subiu ao trono entre 734-735 a.C., mas nada impede que tenha sido co-regente com o seu pai Ozias (Azarias) desde 743 a.C. (cf. SICRE, J. L., *Com os pobres da Terra*, p. 248, nota 3).

¹⁹ A datação sobre Ezequias é uma questão aberta, pois Manassés pode ter reinado juntamente com seu pai, desde 728 a.C., mas só se tornou rei efetivo com a morte de seu pai em 716 a.C. (cf. MAZZINGHI, L. *Storia d'Israele dalle origini al periodo romano*, p. 75).

²⁰ Cf. MONTAGNINI, F. *Isaías 1-19* p. 114; GRECH, P. *Ermeneutica e Teologia Biblica*, p. 13-15.

²¹ Cf. MARCONCINI, B. “Isaia”, p. 219-220.

Diante disso, a data de composição continua sendo uma questão debatida. O grande apocalipse (Is 24–27) teria sido introduzido na primeira parte do livro durante a terceira edição, na sequência que levou à unificação do Proto com o Dêutero-Isaías. Isso aconteceu, porém, antes da inclusão dos textos que pertencem ao Trito-Isaías²².

A tomada de Babilônia por Ciro em 539 a.C. pode ter oferecido ao editor a forma e as características descritas em Is 24–27. O período Selêucida (200–165 a.C.) pode ser igualmente admitido, porque se verificam elementos semelhantes com o livro de Daniel. Todavia, deve-se descartar uma época muito tardia, pois o livro de Isaías já aparece completo em Qumran²³.

Visto que a arquitetura essencial do livro de Isaías oscila entre os séculos V-II a.C.²⁴, fica difícil de se determinar, com precisão, o contexto vital e literário em que Is 24–27 foi redigido ou a situação que impeliu o(os) autor(es) a inserir, harmonicamente, no contexto literário de Isaías os temas que estão presentes em Is 25,6-12.

A salvação futura pode acontecer e ser lógica se a fé em YHWH é vista, pela comunidade, como defesa da própria fé diante dos que já a abandonaram ou julgam-na sem valor. O juízo de condenação dirigido a Judá-Jerusalém, seja em dimensão histórica ou escatológica, devido ao pecado de injustiça e de incredulidade, não impede de acontecer o juízo de salvação para o povo eleito e para as nações mediante uma sincera conversão.

²² A. Robert – A. Feuillet (*Introdução à Bíblia*, p. 106) constataram que “na época em que se viu nascer este apocalipse, existia uma Diáspora extensa (24,14-16; 26,13; 27,12-13). As idéias do juízo dos anjos (24,21) e da ressurreição dos mortos, seletiva, aliás, como em Dn 12,1-3, impõem uma data bastante recente. O fato concreto sobre o qual se baseia para arriscar uma data é a reversão de uma cidade anônima à qual se faz alusão nos cantos (24,10.12; 25,2.12; 26,5;27,10). Trata-se acaso da conquista de Babilônia por Xerxes em 485 ou por Alexandre em 331? É difícil saber”.

²³ A LXX e os rolos de Isaías descobertos no deserto de Judá, em Qumran, podem apontar para o século II a.C., época igualmente aceita para o surgimento do livro de Daniel (cf. AUVRAY, P.–STEINMANN, J. “ISAÏE”, p. 13; SICRE, J. L. *Profetismo em Israel*, p. 442-447; NIEHR, H. “Il libro di Daniele”, p.768.773-775).

²⁴ Cf. ALONSO SCHÖKEL, L. – SICRE DIAZ, J. L. *Profetas I, Isaías e Jeremias*, p. 208; SEVERINO CROATTO, J. *Isaías*, p. 147; VERMEYLEN, J. “Isaías”, p. 412. Is 24–27 pode ter surgido entre os séculos IV-II a.C. (cf. MARCONCINI, B. “Isaia”, p. 635-636). J. A. Soggin (*Introduzione All'Antico Testamento*, p. 352-353) acredita que o bloco Is 24–27 é uma coleção de fragmentos apocalípticos, cujo tema é o fim de tudo que foi criado. E aponta para os elementos que oscilam entre os séculos V e II a.C., como a menção da ressurreição dos mortos em Is 26,19, a angelologia em Is 24,21 e a menção de uma cidade desconhecida (cf. Is 24,10).

As profecias salvíficas proferidas por Jeremias, Ezequiel e pelo Dêutero-Isaías se concretizaram em parte. Um novo êxodo acontece, mas o Israel, que “ressuscita” do exílio, que volta da diáspora e reentra em pátria, ainda não se vê totalmente livre do poder, da hegemonia e da influência dos impérios que se sucederam um após o outro (Assírio, Babilônio, Persa e Grego).

A fé continua sendo alimentada por meio de profecias, mas, a partir do século IV a.C., acontece através de perspectivas apocalípticas que conceberam Israel como destinado a vencer, no final, sobre todas as nações inimigas e hostis a ele e ao seu Deus²⁵. A temática sobre o yôm YHWH, por exemplo, continua a ser alimentada pelos profetas do pós-exílio²⁶. Aguarda-se uma portentosa manifestação de YHWH que colocará fim à iniquidade e à injustiça, inaugurando uma nova época de paz para o antigo Israel e, por este, para o mundo. Esta nova época favorecerá, particularmente, os fiéis do povo eleito que será reunido de todos os lugares para os quais foi disperso. Is 25,6-12 possui essa característica e anuncia essa esperança (cf. Tb 14,5-8).

4. Delimitação e unidade

Em relação ao contexto precedente (Is 25,1-5), considerado como um hino ou salmo de ação de graças²⁷, Is 25,6 introduz uma temática nova: a narrativa do banquete, servido para todos os povos em um monte específico (v. 6). Este banquete celebra o triunfo sobre o luto e a morte (v. 7-8). Uma profissão de fé é formulada na primeira pessoa do plural. Este “nós” representa um grupo que, apesar do sofrimento, continuou colocando a sua confiança em YHWH, e que convida à alegria e ao júbilo pela salvação recebida (v. 9). A imagem da mão colocada suavemente sobre o monte e os pés sobre Moab, representante das nações hostis a YHWH e ao seu povo,

²⁵ Cf. DEISSLER, A. *L'annuncio dell'Antico Testamento*, p. 160-162.

²⁶ O yôm YHWH em Is 13,2-16 é um evento próximo, em movimento e que determinará o destino de Babilônia através de um decreto irrevogável de YHWH (cf. FERNANDES, L. A. *O Yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 312-314).

²⁷ Cf. POWER, E. “Isaías”. p. 449; WILDBERGER, H., *Jesaja 13-27*, p. 947.

exemplifica a intensidade da ação salvífica de YHWH, que derruba tudo o que era considerado motivo de força, proteção e orgulho dos poderosos (vv. 10-12).

A lógica que existe entre Is 25,1-5 e 26,1-6 parece ser interrompida por Is 25,6-12. Nos dois primeiros textos, nota-se uma continuidade de temas: a *justiça de YHWH* presente na *esperança dos justos no reino da justiça* que termina com o diálogo entre o povo e YHWH sobre a *restauração de Israel*²⁸.

Quanto à delimitação final, Is 26,1 inicia uma nova unidade que está marcada tanto pela fórmula *naquele dia*, quanto pela temática, cujo conteúdo é um hino de ação de graças a ser cantado na terra de Judá pelos humildes e pobres. Sião é a cidade fortificada por YHWH que acolhe os outros povos, em contraposição às fortificações de Moab que foram destruídas²⁹.

O maior problema é interno e diz respeito à possibilidade ou não de se considerar Is 25,6-12 uma unidade textual devido à diversidade temática. Nota-se que os vv. 6-8 tratam do *Banquete que celebra o grande feito de YHWH*: destruição da morte e fim da dor. Os vv. 9-10a aludem ao povo eleito ou aos povos que reconhecem YHWH como Deus, razão da sua esperança, convidando, ao júbilo, os povos que foram salvos. Os vv. 10b-12 tratam da destruição de Moab, nação inimiga e opressora. Uma tentativa de solução pode ser estabelecida pela distinção e análise das fórmulas³⁰.

Se a fórmula final que termina o v. 8 (*porque YHWH falou*) é a conclusão de uma unidade, que contém um oráculo (vv. 6-8), a fórmula inicial do v. 9 (*naquele dia se dirá*) seria a introdução de outra unidade sobre a esperança da salvação em YHWH. Todavia, os vv. 9-10 poderiam ser admitidos perfeitamente como conclusão dos vv. 6-8, de modo particular do v. 8, em virtude da menção do opróbrio do povo eleito. Se a argumentação procede, o oráculo iniciado no v. 6

²⁸ Contrário a esse parecer, J. D. W. Watts (*Isaiah 1–33*, p. 327) que divide o livro de Isaías em cinco atos e propõe Is 24,23–25,8 e 25,9-12 como sendo, respectivamente, a quarta e quinta cena do quarto ato.

²⁹ Cf. SEVERINO CROATTO, J. *Isaías*, p. 156; VLKOVÁ, G. I. *Cambiare la Luce in Tenebre e le Tenebre in Luce*, p. 230.

³⁰ A fórmula *naquele dia* possui variante, introduz a cena do juízo (cf. Is 24,1), abre dois hinos (cf. Is 25,9 e 26,1) e retorna no início e no fim de Is 27,1.12.13. A nota final: *porque YHWH falou* pode concluir uma estrofe (cf. Is 24,3) ou um seção (cf. Is 25,8). As fórmulas ajudam a delimitar as seções, pois marcam inícios, ligações e conclusões (cf. ALONSO SCHÖKEL, L. – SICRE DIAZ, J. L. *Profetas I, Isaías e Jeremias*, p. 208-209).

estender-se-ia, melhor, até o v. 10a,³¹ pois os vv. 10b-12 introduzem, claramente, o tema da destruição de uma cidade inimiga, Moab, podendo ser admitidos, inclusive, como um acréscimo posterior³².

A expressão, *neste monte*, presente nos vv. 6a.7a.10a, é um elemento unificador nos vv. 6-10a, mas é difícil emitir um juízo sobre a primeira parte do v. 10, pois tal expressão é ambígua, visto que ela se liga tanto aos vv. 6-8, como aos vv. 9-12³³. Pergunta-se: seria a expressão *neste monte* uma alusão ao monte Sião ou a Moab? Se os vv. 6-10a são lidos como uma unidade, a expressão se liga ao monte Sião, mas se os vv. 9-12 são lidos como outra unidade, liga-se a Moab.

Todavia, além da fórmula final do v. 8, a fórmula temporal do início do v. 9, e a alusão à mão e aos pés de YHWH, no v. 10, permitem que os vv. 9-12 também sejam considerados uma unidade. A presença da *petuhah*, no final do v. 8, e da *setumah*, no final do v. 12, apóiam essa divisão interna³⁴.

Nos vv. 6-8, YHWH dos exércitos é o realizador das grandes façanhas anunciadas, mas não é o sujeito, pois os verbos não se encontram na 1ª pessoa comum singular. No v. 8b a locução “*’adōnāy YHWH*” reforça a dinâmica da identificação de quem estará por detrás dessas ações anunciadas, mas ela aparece sem maiores designações. No v. 9, o sujeito muda, é introduzido pela fórmula – *naquele dia se dirá* – e afirma-se, em solene profissão de fé, que YHWH é *nosso Deus* (*’elōhēnū*). YHWH é a razão da esperança e quem traz a salvação. Enfim, os vv. 10-11 possuem vários traços antropomórficos e de índole bélica.

³¹ H. Simian-Yofre (*Testi Iaiani dell’Avvento*, p. 56) afirma que os vv. 6-10a devem ser considerados uma unidade independente, visto que se fala do Senhor na terceira pessoa.

³² Acredita-se que os vv. 9-10a são um hino brevíssimo, tirado de outro contexto ou composto propositadamente. Todavia, existe desacordo sobre a duração deste hino, limitado ao v. 9 e o v.10a seria uma transição para uma profecia suplementar, mas considera-se como terminando no v.10a, embora, neste caso, isto seja tratado como uma continuação direta de 25,6-8. Os vv. 9-12 ainda poderiam ser considerados como uma adição tardia e uma nova unidade, enquanto outros incluem o v.12 pelo menos no hino curto (cf. O. KAISER *Isaiah 13-39*, p. 202).

³³ Segundo H. Simian-Yofre (*Testi Iaiani dell’Avvento*, p. 62), o único ponto de contato entre as unidades, vv. 6-10a e vv. 10b-12, é a dupla menção da *mão*, que nestes versículos não é mais a mão benévola de YHWH, como no v.10a, mas de Moab que, inutilmente, tenta escapar.

³⁴ Cf. KELLEY, P. H. – MYNATT, D. S. – GRAWFORD, T. G. *The Masorah of Biblia Hebraica Stuttgartensia*, p. 155-156.167.

Existem cinco menções ao Tetragrama (vv. 6.8^{2x}.9.10) e quatro referências a ele por meio de sufixos pronominais na 3ª pessoa do masculino singular (vv. 8.9^{2x}.10). Onze verbos estão diretamente ligados a YHWH (vv. 6.7.8^{3x}.9.10.11^{2x}.12^{2x}). Eles direcionam a atenção do ouvinte-leitor para os fatos que ocorrerão no futuro³⁵.

Nesse sentido, Is 25,6-12 proclama uma expectativa salvífica. YHWH mudará a sorte do seu povo e dos povos enlutados. Moab fica excluído por ser um histórico rival de Israel (cf. Nm 21,13-29; 22-24; 31; 2Sm 8,2; Is 15-16; Jr 48). Faz sentido pensar que esta exclusão deve-se ao fato de Moab ter sido conivente com a destruição de Jerusalém, auxiliando Babilônia (cf. Abdias) e tirando proveito da deplorável situação de Jerusalém (cf. Sf 2,8-10; Ez 25,8-10).

Apesar do desacordo sobre a divisão interna de Is 25,6-12, em duas³⁶, ou em três unidades distintas, a ligação entre os temas procede de forma coerente³⁷. É razoável, portanto, admitir duas unidades: vv. 6-8 e vv. 9-12. Esta divisão, porém, não impede que a última unidade, pela classificação do seu gênero literário, seja dividida em duas partes.

5. Estrutura e Gênero literário

Do ponto de vista do conjunto³⁸, pode-se admitir que em Is 25,6-12 existe, por suas inéditas formulações, uma estrutura em duas ou em três partes.

³⁵ Cf. BALLARINI, P. T. *Introdução à Bíblia*, p. 154.

³⁶ Cf. POWER, E. “*Isaías*”, p. 448; MARCONCINI, B. “*Isaia*”, p. 639). L. Alonso Schökel – J. L. Sicre Diaz (*Profetas I, Isaías e Jeremias*, p. 208) intitulam as duas partes da seguinte forma: Is 25,6-8: *banquete e presentes*; Is 25,9-12: *vitória sobre Moab, a cidade hostil*. H. Simian-Yofre (*Testi laiani dell’Avvento*, p. 56.63) afirma que os vv. 6-10a, pela distribuição e repetição do vocabulário, constituem uma unidade bem homogênea; os vv. 10b-12 também são uma unidade homogênea, mas diferente da precedente, pois com 26,1-5 concentra-se sobre a cidade fortificada, para exaltar o poder de Deus que destrói o poder inimigo em defesa de Sião.

³⁷ Cf. SELLIN, E. – FOHRER, G. *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 553. O. Kaiser (*Isaiah 13-39*, p. 202) intitula as três partes da seguinte forma: Is 25,6-8: *o banquete para os povos*; Is 25,9-10a: *o canto de agradecimento de Israel*; Is 25,10b-12: *Moab termina no esterco*.

³⁸ E. Sellin – G. Fohrer (*Introdução ao Antigo Testamento*, p. 552) consideram o conjunto como apocalipse, afirmam que neles estão, lado a lado, oráculos e cânticos proféticos entrelaçados numa íntima relação derivada das perícopes autônomas que foram reunidas por adições e ampliações originando uma nova composição.

No primeiro caso, os vv. 6-8, *tema do banquete*, manifestam a liberalidade de YHWH que prepara um banquete no qual Ele se revela aos povos, que estavam como que cegos, eliminando a morte e a dor, simbolizadas no gesto de enxugar o pranto das faces e na remoção do opróbrio do seu povo. Os vv. 9-12 revelam uma *profissão de fé em YHWH que salva* e estariam interligados pela alusão à cidade inimiga dominada, pois está debaixo da mão de YHWH e calcada sob os seus pés.

No segundo caso, vv. 6-8, encontra-se um *oráculo de salvação e bênção*. Este anuncia que YHWH prepara, no seu monte, um grandioso *banquete* para todos os povos que são chamados ao júbilo festivo, pois haverá *uma revelação* (os povos conhecerão YHWH e *a destruição da morte e da ignomínia do povo eleito*). Estes são sinais justificam o festim em torno de YHWH, o único Deus, eliminando a divisão que havia entre o antigo Israel e os demais povos³⁹. No v. 9, apresenta-se uma conclusão do que se experimentou por meio de uma *dupla profissão de fé em YHWH Salvador: eis que este é o nosso Deus... e nos salvará, este é YHWH*. Enfim, os vv. 10-12, centrados na imagem da cidade fortificada, completam a profissão de fé, por meio de um *oráculo de punição*, exaltando a onipotência de YHWH que pesou a sua mão sobre Moab, privando-o da benéfica experiência dos demais povos.

Dois gêneros literários distintos são percebidos: dois *oráculos*: um de bênção (vv. 6-8) e um de maldição (vv. 10-12)⁴⁰; e entre eles uma *profissão de fé* (v. 9)⁴¹. Chega-se, então, pelos gêneros literários à seguinte estrutura do texto: vv.

³⁹ Para J. D. W. Watts (*Isaiah 1–33*, p. 311), o anúncio do banquete para os povos no Monte Sião (cf. Is 25,6-8) parece acentuar os resultados positivos dos terríveis atos de YHWH. Admite-se que o v. 9 seja *uma poesia*, isto é, um fragmento de *música de ação de graças*. Já Is 25,10-12 contrasta os atos de YHWH nas montanhas com a destruição de Moab, no mesmo estilo profético.

⁴⁰ L. Alonso Schökel – J. L. Sicre Diaz (*Profetas I, Isaías e Jeremias*, p. 215) vêem nos vv. 10-12 um hino que canta a vitória do Senhor sobre a cidade inimiga.

⁴¹ Há outras propostas: Is 25,6-8 seria um *anúncio*; Is 25,9-10a. seria um *cântico de ação de graças* e Is 25,10b-12, seriam *oráculos* que foram acrescentados aos texto (cf. SELLIN, E. – FOHRER, G. *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 553); Is 25,6-8 é um *oráculo profético* e Is 25,9-12 é um *canto de ação de graças*, que exalta a realza de YHWH por parte de Israel (cf. BALLARINI, P. T. *Introdução à Bíblia*, p. 153-154); YHWH, em Is 25,1-5, é invocado na segunda pessoa, como num hino; e em Is 25,6-12, é YHWH mencionado na terceira pessoa. O conjunto apresenta-se em uma estrutura binária na qual se encontram dois oráculos: 25,6-10a e 25,10b-12 (cf. SIMIAN-YOFRE, H. *Testi Iaiani dell'Avvento*, p. 56).

6-8: *oráculo de salvação e bênção*; v. 9: *dupla profissão de fé com um convite ao júbilo*; vv. 10-12: *oráculo de punição*.

6. Texto e breve comentário

6.1. Juízo de salvação (vv. 6-8)

⁶Preparará YHWH dos exércitos para todos os povos,
 neste monte,
 um banquete de manjares gordos,
 um banquete de vinhos encorpados⁴²,
 manjares gordos e succulentos,
 vinhos encorpados refinados⁴³.

YHWH *dos exércitos* é uma expressão comumente utilizada no AT. A primeira vez ocorre em 1Sm 1,11 no contexto da oração aflita de Ana, devido à angústia causada pela sua esterilidade. A expressão é recorrente no livro de Isaías (57 vezes), mas só duas vezes em Is 24–27: YHWH *dos exércitos* reinará (Is 24,23) e Preparará YHWH *dos exércitos* que só ocorre, com o verbo *הִפְעִיל* neste versículo e em Is 44,23, no qual se afirma que YHWH agiu favoravelmente por Jacó e Israel. A frase *הַיְהוָה הִפְעִיל* possui 30 ocorrências com sentido positivo e negativo. A pior é uma reação estupefata pela forma como YHWH tratou com rigor o seu templo (cf. 1Rs 9,8; 2Cro 7,21; Jr 5,19; 22,8; Lm 2,17). A frase mais comum (cerca de 102 ocorrências) é: *Assim fala YHWH dos exércitos*. Esta possui uma única ocorrência em Is 45,13, quando YHWH determina a missão de Ciro.

⁴² A referência a um banquete de manjares gordos, um banquete de vinhos encorpados está ausente na LXX.

⁴³ Textos paralelos: Pr 9,5; Jr 31,12; Is 2,2; Gn 29,22; 1Rs 1,25; Is 55,1-2; 66,10-11; Jl 3,18; Mt 8,11; 22,4; Ap 19,9.

A expressão *para todos os povos* é utilizada somente 8 vezes na Bíblia Hebraica. Os povos erram porque se prostram diante dos astros do céu (cf. Dt 4,19). Os prodígios realizados para os libertos do Egito se repetirão diante de todos os povos (cf. Dt 7,19). A casa de YHWH será casa de oração para todos os povos (cf. Is 56,7; Mt 21,13). Jerusalém será uma taça inebriante e uma pedra pesada sobre todos os povos (cf. Zc 12,2.3). Todos os povos se beneficiarão e participarão desse grande convívio, porque o decreto que revogou a sorte dos filhos de Israel foi dirigido também para todos os povos.

O termo *banquete* é usual na Bíblia Hebraica, por meio dele se celebra diversas ocasiões: ser hospitaleiro (cf. Gn 19,3; 1S 25,36; 2Sm 3,20), festejar o nascimento de um filho (cf. Gn 21,8), selar um pacto (cf. Gn 26,30), celebrar as núpcias (cf. Gn 29,22; Jz 14,10.12.17), festejar o aniversário (cf. Gn 40,20), agradecer uma dádiva divina (cf. 1Rs 3,15), mostrar poder e grandeza do rei frente aos seus súditos (cf. Est 1,3.5), mostrar a beleza da rainha (cf. Est 1,9), festejar a coroação da rainha (cf. Est 2,18), desvendar, pela astúcia, a intenção do inimigo (cf. Est 5,4-6.8.12.14; 6,14; 7,2.7.8), para se celebrar o momento salvífico (cf. Est 8,17; 9,17-19.22), reunir os irmãos (cf. Jó 1,4.5), preparar os eleitos para o serviço do rei (cf. Dn 1,5.8.10.16) e para fazer o funeral (cf. Jr 16,8). Tendo YHWH por sujeito, mesmo em terceira pessoa, somente em Is 25,6 e no oráculo contra Babilônia em Jr 51,39.

A tradução de *יַיְקָרִים* por *vinhos encorpados* é aproximada, pois além das duas ocorrências nesse versículo, é usado ainda na queixa de YHWH contra os que se embriagam com o seu vinho pesado (cf. Sf 1,12) e pelo salmista que diz haver na mão de YHWH uma taça de vinho que inebria os ímpios da terra (cf. Sl 75,9). Uma simples mudança na vocalização tem-se o particípio plural do verbo *יַיְקָרִים*: observantes, guardas ou vigias. Uma profissão que, ao contrário, requer, sobretudo, sobriedade e atenção, isto é, ausência dos efeitos do vinho ou de bebidas fermentadas. Faz lembrar o voto do nazireato (cf. Nm 6,3; Jz 13,4.7.14).

A ação favorável de YHWH contrasta com as vezes em que o povo eleito ficou privado do fruto da videira⁴⁴. YHWH, aqui, não retira o vinho, mas o concede como uma refinada iguaria.

⁴⁴ Cf. Is 16,10; 24,7; Jr 48,33; Lm 2,12; Jl 1,5.10; Mq 6,15; Sf 1,13.

O contexto deste banquete não evoca a autoridade de sacerdotes nem de anciãos aceitos por YHWH como servidores do povo. Permanece, porém, o contexto que evoca as ações libertadoras de YHWH no âmbito de uma teofania ligada, agora, à admissão dos outros povos, que acolhem a bondade de YHWH. Neste sentido, Is 25,6, confrontado com Is 24,23, revela as tensões sobre a autoridade ocorridas no pós-exílio, visto que a monarquia não mais se reergueu.

Se a parca comida e a pouca água foram suficientes para sustentar o povo durante a sua marcha e estadia no deserto, o banquete oferecido e preparado por YHWH serve para celebrar, no contexto de um novo êxodo, a sua superioridade sobre os demais povos. Se Davi, ao transferir a arca para o templo em ritmo festivo (cf. 1Rs 8), deu início a uma nova era de paz pela solidificação do reino, o banquete oferecido no monte Sião, indica um novo início de paz, porque YHWH reina e guia o seu povo. É uma mudança qualitativa, não experimentada até aquele momento.

É certo, porém, que o v. 6 imprime um caráter novo ao sentido que se tinha das refeições de cunho sagrado. A imagem da refeição evocava o lugar da celebração, as boas intenções, mas principalmente era uma regra sobre a hospitalidade a ser oferecida (cf. Gn 18,1-15; 19,3; 21,8; 26,30; 31,54). Se YHWH admite os outros povos, Ele, como anfitrião, coloca em prática essa hospitalidade. Pr 9,1-6 fala do banquete servido pela sabedoria hospitaleira⁴⁵. A imagem da refeição, porém, podia ser também o lugar para fazer acontecer uma punição (cf. Sf 1,7; Jr 51,39).

No que diz respeito aos manjares usa-se o termo *šēmānīm* que é o plural *šemen*, isto é, o fruto da oliveira (cf. Ex 27,20; Lv 24,2; Mq 6,15), daí indicar as partes gordurosas, suculentas e apreciadas das vítimas oferecidas em sacrifício. O termo indica o que era reservado à divindade e que vinha queimado em sua honra (cf. Lv 3,3-16; 7,25). Essas carnes ainda eram qualificadas como *m^e muḥāyim*, isto é, ricas em tutano (cf. Sl 63,6 e Jó 36,16). O verbo é um pual no particípio masculino plural que só ocorre aqui. Esses termos são utilizados para as iguarias refinadas segundo o gosto oriental, que indicam, também, o vislumbre da abundância para aqueles que viveram na penúria (cf. Gn 27,28.39; 49,20; Is 30,23).

⁴⁵ Contrário a esse parecer, SEVERINO CROATTO, J. *Isaias*, p. 155.

Para as bebidas, utiliza-se um vocábulo rítmico como o dos manjares: *šē mārîm*. O termo, literalmente, significa *guardado*, isto é, o vinho que ficou *envelhecendo* no mesmo vasilhame (cf. Sl 75,9; Sf 1,12). É um vinho de excepcional qualidade, forte e delicioso. Este vinho também é *depurado*, *m^ezuzqāqîm*. O verbo é um pual no particípio masculino plural que, também, só ocorre nesse versículo. A raiz *zq* ocorre em textos que descrevem a ação com que se lustra, se ornamenta, ou se purifica os metais como o ouro e a prata (cf. Sl 12,7; Jó 28,1; 1Cr 28,18; 29,4; Ml 3,3).

Este vinho é precioso porque YHWH é o guardião da sua vinha (cf. Is 27,3-4). Se a vinha de YHWH é Israel, então e por dedução, YHWH servirá, para os outros povos, o que de melhor esta vinha pode produzir. Parece que se tem o contrário da queixa presente em Is 5,1-7 (cf. Mq 6,1-5; Mt 21,33-45).

⁷E devorará⁴⁶, neste monte,
as faces da coberta⁴⁷ que cobria sobre todos os povos,
e a tela tecida sobre todas as nações⁴⁸.

⁴⁶ O verbo *בָּלַע* tem o sentido de arrancar ou engolir algo com grande avidez. Aqui, indica a rapidez com que se arranca a coberta.

⁴⁷ *לְבוֹשׁ* como substantivo, na cadeia construída com *פָּנֵי*, significa uma coberta ou véu que lembra a mortalha fúnebre. A Vg traduziu por *vinculum*. Áquila e Teodição traduziram por *tenda*. O segundo uso de *לְבוֹשׁ* deve ser lido como forma verbal no particípio ativo: *que cobriu*, ou no particípio masculino passivo: *que é coberto* (*hallût*, 1Sm 21,10 traz, em referência à espada de Golias, o particípio feminino passivo: *לְבוֹשָׁהּ*). A repetição do termo não oferece um sentido mais específico. A LXX traduz por *gentios* (τὰ ἔθνη), que se perfumarão de mirra sobre este monte. Tais bens serão dados aos gentios porque sobre eles repousa o conselho. A inclinação favorável aos gentios explica-se pelo lugar de origem da LXX (Cf. GIROTTI, G. *Il Vecchio Testamento*, p. 348). *פָּנֵי לְבוֹשׁוֹ* é uma expressão única na Bíblia Hebraica, por isso levanta dúvidas. Jó 41,5 possui uma construção próxima: *פָּנֵי לְבוֹשׁוֹ* (*diante do seu manto/veste*). Pode indicar a superfície ou a parte exterior da coberta. Há quem mude os termos, inserindo *פָּנֵי* após a preposição *עַל*, a fim de se obter coerência: *sobre a face de todos os povos* (Cf. BALLARINI, P. T. *Introdução à Bíblia*, p. 156; WATTS, J. D. W. *Isaiah 1-33*, p. 328^l).

⁴⁸ Textos paralelos: Is 2,2; 2Cor 3,14-16; Ef 4,18.

נָלַע ocorre, principalmente, em contextos nos quais se mostra a situação de maus tratos, destruição e aniquilação do justo inocente e fiel; do indefeso frente ao agressor que é impiedoso e implacável. A solução, portanto, não pode vir, senão, de YHWH, que é o único capaz de intervir e punir os ímpios⁴⁹. É um termo comumente usado para o Leviatã (cf. Is 27,1), ou Tiamat, divindade feminina da mitologia assiro-babilônica⁵⁰. As entidades devoradoras, que geralmente se opõem a YHWH, aqui são elas a serem devoradas.

A locução *neste monte* além das três ocorrências nesse texto isaiano, aparece só mais uma vez em Dt 1,6. Fica verossímil a correspondência ao monte Sião, onde está o templo de Jerusalém.

A *coberta que cobria* é um jogo de palavras que só ocorre nesse versículo. O termo lembra Lot, o sobrinho que viveu e foi resgatado por seu tio Abraão. Lot, embriagado, vacilou e uniu-se às suas filhas. Da mais velha nasceu Moab e da mais nova nasceu Amon (cf. Gn 19,31-38). Pode-se entrever antecipadamente, pelo jogo de palavras, a decisão que recairá sobre Moab nos vv. 10-12.

A locução *sobre todos os povos*, curiosamente, possui três ocorrências que permitem colher o significado do uso nesse versículo. Em Est 9,2 todos os povos temem a vingança dos hebreus. O Sl 99,2 proclama a grandeza de YHWH em Sião e sobre todos os povos.

A locução *sobre todas as nações* é mais utilizada: Israel é destinado a ser superior a todas as nações (cf. Dt 26,19); Davi era temido sobre todas as nações (cf. 1Cr 14,17); a decisão de YHWH pesa sobre todas as nações (cf. Is 14,26); YHWH está contra todas as nações para exterminá-las (cf. Is 34,2); a mesma sentença pesa sobre Babilônia e com ela sobre todas as nações (cf. Jr 25,13); o yôm YHWH virá contra todas as nações (cf. Ab 1,15); as injustiças de Judá-Jerusalém levou YHWH a dispersar o seu povo entre todas as nações (cf.

⁴⁹ Cf. SCHÜPPHAUS, J. “נָלַע”, p. 1337-1344. Ao lado de Is 25,7.8 outros textos podem ser citados como exemplo: Ex 7,12; 15,12; Nm 16,30.32.34; 26,10; Sl 35,25; 69,16; Is 9,15; Os 8,8; Hab 1,13; Lm 2,16 são alguns exemplos ao lado de Is 25,7.8.

⁵⁰ No Novo Testamento, é aplicado a Satã que procura a quem devorar (cf. 1 Pd 5,8).

Zc 7,14). Nota-se, então, que Is 25,7 é o único texto no qual as nações são objeto da misericórdia de YHWH.

O que está sobre a face dos povos não é a mesma coisa que está sobre a face das nações. הַצִּדְמוֹת da raiz צדמ indica lâminas entrelaçadas, podendo ser uma referência a uma máscara de divindades feitas de ouro ou prata fundidos (cf. Is 40,19; 44,10; Jr 10,3-4), que nada são (cf. Is 41,29; 48,5), às quais as nações prestam culto, mas que serão eliminadas no tempo do castigo (cf. Jr 10,14-15). Um artefato humano que induz as nações ao erro. A relação entre a raiz e o termo não invalidam o contexto idolátrico que tem conduzido as nações à morte. YHWH devorará o que os povos e nações estão fabricando com suas próprias mãos⁵¹.

O monte é, novamente, o cenário de outro grande e bondoso feito de YHWH, que, literalmente, devora o que cobria a face dos povos e das nações. A nova referência ao local dos acontecimentos não deixa dúvidas de que se trata de Sião, centro do governo de YHWH, único e verdadeiro Deus, sobre Israel e sobre todos os povos. É característica, deste oráculo, identificar a lei universal de YHWH com o monte Sião, local onde os dispersos, do norte ao sul, serão reunidos e YHWH será adorado (cf. Is 27,13).

A referência à cobertura lembra, positivamente, a bainha que envolve e protege uma espada (cf. 1Sm 21,10); o véu que cobre o rosto de Elias em face da presença de YHWH (cf. 1Rs 19,13), ou, negativamente⁵², o sinal de alguém em estado de luto (cf. 2Sm 15,30; 19,5; Jr 14,3-4; Est 6,12). Assim, o que cobre a face dos povos pode ser sinal da dor pelo luto (cf. Gn 14,31; 2sm 15,30), mas, também, pode ser símbolo da cegueira religiosa (cf. 2Cor 3,15)⁵³. A humanidade sujeita à dor, aos vários males e à morte, é também imagem da cegueira das nações, isto é, da sua ignorância a respeito da vida e do caminho justo contido na Torah (cf. Dt 28; Sl 1)⁵⁴.

⁵¹ Cf. DOHMEN, Ch. “ הַצִּדְמוֹת ”, p. 1010-1016.

⁵² Cf. SIMIAN-YOFRE, H. *Testi laiani dell'Avvento*, p. 59.

⁵³ Cf. CLEMENTS, R. E. *Isaiah 1-39*, p. 209; JOHNSON, D. J. *From Chaos to Restoration*, p. 64; CHILDS, S. B. *Isaiah*, p. 184-185.

⁵⁴ Dt 30,15-20 trata desse tema, que também é retomado no NT (cf. Rm 6,21-23; 1Pd 1,22-23; Ef 4,17).

Nesse sentido, a ação de YHWH ilumina as nações, retirando-lhes a cegueira. O tema da luz é muito importante no livro de Isafas (cf. Is 42,6; 49,6; 51,4). A glória de YHWH, que não se distingue dele mesmo, se reflete em Jerusalém, expulsa as trevas, e pelo seu brilho todos os povos são iluminados. Jerusalém torna-se um farol que conduz os povos na verdade e na retidão (cf. Is 60). O estabelecimento da justiça é compatível com o surgimento da luz. Dissipadas todas as trevas da mentira e da ignorância sobre a presença e a ação de YHWH na história, em particular na história do povo eleito, os povos podem se beneficiar com o conhecimento do verdadeiro Deus.

Pelos feitos de YHWH, proclama-se para o povo eleito e para todos os povos que chegou o fim dos tempos de sofrimento, de luto e de ignorância⁵⁵. Pode-se ver, inclusive, no ato de se destruir o que encobria as faces, a superação dos símbolos fracos de proteção, pois só YHWH pode oferecer a verdadeira proteção. Nasce uma nova ordem das coisas. Um novo critério de valores vai reger as relações do ser humano com o seu próximo, com a criação e com a divindade. Sela-se uma nova aliança, pois a morte não é mais um obstáculo nas relações interpessoais e entre os povos.

Se o rompimento da aliança com YHWH acarretou em consequências dolorosas para a terra (cf. Is 24; Gn 3), tornando-a inabitável (cf. Is 24,6; 13,17), o feito portentoso de YHWH, engolindo o que encobria e desfigurava a face do ser humano, manifesta que todos os povos são convidados à vida. É o fim do tempo da dor e da maldição da morte⁵⁶.

O AT, por sua vez, fala com frequência em maldições, ilustrando como eram mencionadas e postas em prática. Fala pouco, ou quase nada, sobre como podiam ser combatidas ou eliminadas tais maldições. É exatamente isto que YHWH dos exércitos faz ao tragar a morte. Acaba com a terrível maldição e cessam seus efeitos nefastos sobre toda a humanidade⁵⁷.

⁵⁵ Cf. 2Sm 15,30; 19,5; Jr 14,3-4 e Est 6,12.

⁵⁶ Na mitologia cananeia se celebrava, anualmente, a vitória de *Baal* sobre *Mot*, o deus da morte. Esta celebração estava associada à agricultura, pois a cada primavera assistia-se a um renascimento do ciclo da natureza.

⁵⁷ Cf. WATTS, J. D. W. *Isaiah 1-33*, p. 331.

⁵⁸Devorará a morte para sempre,
 e enxugará Adonay YHWH
 a lágrima de todas as faces
 e removerá o opróbrio do seu povo
 do meio de toda a terra,
 porque YHWH falou⁵⁹.

A frase: *Devorará a morte para sempre*, é tida como uma interpolação tardia, pois interrompe a continuidade do pensamento entre o v. 7 e v. 8. Todavia, pela construção da frase, indica-se a rapidez com que se remove a causa da tristeza e da dor estampadas sobre a face dos povos.

Is 3,18 anunciava o contrário: YHWH envergonhará as mulheres de Jerusalém que perderão todos os seus adornos preciosos e tudo o que usavam para se embelezar. Nelas, ficará a marca da vergonha. É uma dura sentença, pela qual não se espera, senão, o pranto no rosto dessas mulheres.

Quanto à morte, Is 26,19 contrasta com Is 26,14. Na base do contraste está a soberania de YHWH, que faz reviver (cf. Ez 37)⁶⁰. Este reviver equipara-se à

⁵⁸ עָבַר abre, novamente, o versículo (o verbo se repete em Lm 2,2.5). BHS^{app} sugere que se leia com os poucos manuscritos hebraicos com o *waw* (v. 7: עָבַרְוּ). As versões gregas apresentam dificuldades com relação a תָּבַרְוּ עָבַרְוּ: LXX traduziu por κατέπιεν ὁ θάνατος “engoliu a morte”; Áquila traduziu por καταποντισει τον θανατον “ele afundará a morte no mar”; Símaco traduziu por καταποθηναι ποιησει τον θανατον “fará a morte ser engolida”; e Teodocíão traduziu por κατεποθη ο θανατος “a morte foi engolida” (cf. 1 Cor 15,54); A Peshita traz *wntal*, correspondendo a *ûbulla*, no participio passivo: e foi tragada. 1Cor 15,54 traz a morte foi engolida pela vitória (εις νίκος). Isto se deve, talvez, ao fato de que תָּבַר, em aramaico e siríaco, significa vitória.

⁵⁹ Textos paralelos: Is 26,19; Os 13,14; 1Cor 15,54-55; Is 15,3; 30,19; 35,10; Is 51,11; 65,19; Jr 31,16; Ap 7,17; 21,4; Gn 30,23; Sl 119,39; Mt 5,11; 1Pd 4,14; Ap 7,13-14; 1Rs 14,11; Is 22,25; 24,3; Jr 13,15; Jl 4,8; Ab 1,18.

⁶⁰ A visão do profeta sobre os ossos ressequidos que retornam à vida (cf. Ez 37,1-14), anuncia que o povo eleito vai despertar do exílio (cf. REIS, A. B. G., *Salvação como nova criação*, p. 14-53). A ressurreição dos mortos também aparece em Dn 12,2-3.13. Is 26,19, nos lábios do povo, afirma essa esperança. Todavia, nesses três textos, a ressurreição pode ser vista como restauração de Israel como nação eleita de YHWH. A ressurreição, como ato taumatúrgico, foi operada como ressuscitação de cadáver por Elias (cf. 1Rs 17,17-24), por Eliseu (cf. 2Rs 4,18-37; 13,20-21) e, depois de quase 900 anos, reaparece por três vezes nas ações de Jesus (a filha de Jairo: cf. Mt 9,18-26; Mc 5,21-42; Lc 8,40-56; o filho da viúva de Naim: cf. Lc 7,11-17; e Lázaro: Jo 11,1-44), até se consumir, plenamente, através da sua doutrina e evento em sua pessoa (cf. Mt 22,23-33; Mc 12,18-27; Lc 20,27-40), dando ao corpo acesso à imortalidade (cf. McKENZIE, J. L., “Isaías” e “Sacerdócio”, p. 791).

salvação que vem de YHWH, podendo ser compreendida como a vitória sobre a morte e sobre as trevas da ignorância. Não há como sustentar que a eliminação da morte seja anúncio de ressurreição, pois esta crença é tardia (cf. Dn 12,2). Trata-se, de forma mais plausível, sobre o início da renovação e estabelecimento do plano original de YHWH. A morte entrou no mundo pela desobediência (cf. Gn 3,1-24), mas será destruída pela obediência (cf. Rm 5,12-21)⁶¹. Paulo interpretou Is 25,8 como doutrina da ressurreição (cf. 1Cor 15,54-55), mas isso só foi possível graças à ressurreição de Jesus Cristo, antecipando o fim da morte como vitória e realização final do plano de Deus (cf. Ap 21,1-4).

Com o fim da morte, tem-se o fim do pranto, que será cancelado de todas as faces. Não se pode afirmar que a referência, aqui, seja universal como no v. 7, mas nada impede que se veja como continuação da notícia precedente. Esta ação de YHWH, e a forma como está descrita, é única na Bíblia Hebraica. Dt 29,19 possui, porém, uma expressão próxima, quando se diz: YHWH cancelará o nome de Moab de debaixo do céu. A alusão pode ser tomada como fundamento para a ruína de Moab no v. 10. O resultado não poderia ser melhor: o fim da vergonha do povo eleito *do meio de toda a terra*. Locução que só ocorre nesse versículo.

A locução *lágrima de sobre todas as faces* é única na Bíblia Hebraica. O termo *lágrima* está no singular, mas por dedução pode ser traduzido no plural. A locução *todas as faces* é a mais próxima desse versículo. Ocorre mais quatro vezes: Jr 30,6 anuncia, no contexto de restauração de Israel e Judá, que todas as faces ficarão pálidas diante da ação favorável de YHWH. Ez 7,18 está inserido em um contexto de destruição, em meio aos desastres, as faces estarão cheias de vergonha. Ez 21,3 traz um anúncio de devastação pelo fogo para o Negeb, pelo qual todas as faces ficarão queimadas. Jl 2,6 também apresenta um anúncio de consternação, pois todas as faces ficarão pálidas ante a chegada do exército executor das ordens de YHWH⁶².

A locução: *sobre toda a terra*, é utilizada para exaltar a grandeza de YHWH sobre tudo o que existe nos céus e na terra, porque YHWH é o altíssimo (cf.

⁶¹ Cf. FERNANDES, L. A. *Evangelização e Família*, 91-104.

⁶² Cf. FERNANDES, L. A. *O Yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 116-117.

Sl 47,3; 57,6.12; 83,19; 97,9). Só Ele pode tomar decisões sobre toda a terra e todas as nações (cf. Is 14,26), principalmente sobre o juízo de condenação que recairá sobre sacerdotes e profetas (cf. Is 28,22). Jeremias é um profeta, para toda a terra (país/região) semelhante à cidade bem fortificada (cf. Jr 1,18). Enfim, somente YHWH é rei sobre toda a terra. Ele e seu nome são indivisíveis (cf. Zc 14,9; Dt 6,4).

Enquanto a morte levava a melhor, a dor e o luto continuavam acompanhando o ser humano. A morte pode ser o fim do sofrimento para quem deixa essa vida, mas pode ser, igualmente, o início de uma grande dor e sofrimento para aqueles que ficaram sobre a terra e perderam seus familiares e amigos. Algo que entristece e se torna, em muitos, uma dor insuportável (cf. 1Ts 4,13-18)⁶³.

Pode-se acrescentar, ainda, que a face coberta representava a própria face desfigurada pelo pranto ou pela vergonha de confiar em deuses que não podem salvar da morte. É uma máscara para não revelar esta face vergonhosa. A condição de desonra do povo escondia-se aos olhos do mundo. YHWH, destruindo a morte e enxugando as lágrimas, estava removendo esta máscara; estava devolvendo à pessoa o direito de se mostrar novamente, isto é, de revelar a sua imagem e semelhança divina, de se tornar esplendor da glória de Deus⁶⁴.

O tema da vitória sobre a morte possui duas vertentes: para os ímpios não haverá restauração (cf. Is 26,14). Esta será para os que, em meio às aflições, reconhecem os seus erros e se convertem (cf. Is 26,19).

Em um primeiro momento, parece que o conteúdo do v. 8 fosse uma mensagem exclusiva para o povo eleito. De fato, anuncia-se a mudança da sua condição: *removerá do seu povo o opróbrio*, mas isso não significa que o benefício de YHWH, ao enxugar as lágrimas, seria somente para os que ficaram ou para os repatriados em Jerusalém, a fim de celebrar o reinado da vida sobre a morte, isto é, do seu senhorio sobre a terra (cf. Sl 126,5-6; Is 35,10; 51,11). A referência a

⁶³ Cf. FERNANDES, L. A. *Paulo e a Igreja de Tessalônica*, p. 97-101. Alguns textos do NT parecem concordar com esta interpretação pelo uso dessa frase, ou todo o versículo, quando expressam a esperança dos cristãos na vida eterna e a última abolição da morte (cf. 1Cor 15,54 e Ap 21,4). Todavia, em 1Cor 15,54 afirma-se que “*a morte foi absorvida pela vitória*”, confunde-se, segundo os críticos, a palavra hebraica com outra parecida do aramaico, que significa “vitória” (BALLARINI, P. T. *Introdução à Bíblia*, p. 157; ALONSO SCHÖKEL, L. – SICRE DIAZ, J. L. *Profetas I, Isaías e Jeremias*, p. 215).

⁶⁴ Cf. KAISER, O. *Isaiah 13-39*, p. 199.

todos os povos (v. 6.7), a *todas as nações* (v. 7) e a *todas as faces* (v. 7) permite ultrapassar a dimensão nacionalista dos remanescentes e dos deportados, entendendo o alcance universal da ação divina.⁶⁵

Os verbos dos vv. 7-8 são afirmações que revelam a soberania de YHWH, que provoca alegria aos que estavam sofrendo. No centro desses dois versículos está a declaração sobre o que o ser humano mais almejava: *a destruição da morte*. A ação é descrita referindo-se a um grande ato divino-real⁶⁶. A morte pode ter, aqui, dupla conotação. Por um lado, é a morte física individual ou coletiva devido às injustiças sociais internas e externas a cada povo. Por outro lado, é a morte que se experimenta como privação da terra, privação dos direitos inalienáveis e privação da liberdade. Estes bens serão devolvidos por YHWH, pois está determinado: *porque YHWH falou*. Esta sentença tem o sentido de um decreto irrevogável.

6.2. Profissão de fé (v. 9)

⁹Naquele dia se dirá:

eis que este é nosso Deus!

esperávamos nele

e nos salvará

este é YHWH, esperávamos nele⁶⁷.

*Alegremo-nos e regozijemo-nos na sua salvação*⁶⁸.

⁶⁵ J. Severino Croatto (*Isaías*, p. 155) interpreta que essa abertura ecumênica é de ordem geográfica e não étnica.

⁶⁶ Era costume na antiguidade que o rei, em um banquete, demonstrasse seu poder por um ato heróico ou um feito extraordinário. Conta-se, por exemplo, que Marduk fez uma veste desaparecer e reaparecer na frente dos comensais (*Enuma Elish* IV, 28. In: *ANET*, 66).

⁶⁷ A construção: לֵי יְהוָה קִיִּינָנוּ, poderia ser um erro de ditografia (Cf. ALONSO SCHÖKEL, L. – SICRE DIAZ, J. L. *Profetas I*, p. 215). A ausência dessa frase e do verbo יִשְׂעִינָנוּ na LXX não confirmariam, por certo, o erro, porque se pode pensar que a repetição teria sido intencional (Cf. KAISER, O. *Isaiah 13-39*, p. 202). A construção hebraica é correta e significativa (Cf. WATTS, J. D. W. *Isaiah 1-33*, p. 334).

⁶⁸ Textos paralelos: Is 2,11; 10,20; Is 40,9; Sl 22,5; Is 8,17; 12,2; Sl 20,7; 145,19; Is 19,20; 33,22; 35,4.10; 43,3.11; 45,15.21; 49,25-26; 60,16; 63,8; Jr 14,8; Is 9,2-3; 35,2.10; 41,16; 51,3; 52,7-10; 61,7.10; 65,18; 66,14.

A fórmula *naquele dia* introduz uma nova fala que se encontra na primeira pessoa do plural. Quem fala (profeta?) eleva a sua voz em nome de um grupo que se manteve fiel, e professa que YHWH é Deus. A afirmação *eis que este é nosso Deus* é única em toda a Bíblia Hebraica e o modo como a esperança salvífica encontra-se expressa. O Sl 48,15, anunciando a grandeza e a glória de Sião, é o texto que mais se aproxima desse versículo: *Porque este é Deus, nosso Deus em eterno e para sempre; ele nos guia sobre a morte.*

Os eleitos, e com eles os outros povos, tomarão parte no festim dos bens divinos, e, agradecidos, darão a YHWH o louvor, porque não os decepcionou nas suas esperanças. O reconhecimento da vitória se faz por meio de uma profissão de fé: o Deus da esperança é YHWH que salva e muda a sorte do povo⁶⁹. Pode-se dizer que *a destra de YHWH se eleva, a destra de YHWH realiza portentos* (cf. Sl 118,16).

Diante dos feitos de YHWH, a esperança torna-se motivo de júbilo festivo e o convite não podia ser outro: *alegremo-nos e regozijemo-nos na sua salvação*. As duas ações seguem juntas (cf. Sl 90,14-15; 118,24).

São inúmeros os contextos que levam o ser humano a se alegrar. A vida é o palco dos acontecimentos, isto é, onde ele a experimenta como dádiva de YHWH. A alegria é uma expressão difundida em todo o AT. Refere-se à felicidade derivada de amor sexual (cf. Ct 1,4), à vida casada (cf. Pr 5,18), ao nascimento dos filhos (cf. Sl 113,9), e especialmente pelos frutos da colheita (cf. Dt 26,1-11) motivo de festa (cf. Ecl 8,15). Estes, porém, formam somente o fundo da questão e estabelecem as metáforas para a exultação mais penetrante diante das ações de YHWH em favor do seu povo. A natureza também é convidada a se unir no louvor de ação de graças (cf. Sl 98). O justo, especialmente, é chamado a olhar com alegria os atos de redenção.

A alegria em Hebraico é *המנוח*, do verbo *הנח* (cf. Is 16,10; 24,11; 29,19), com menos frequência: *גִּיל* (verbo e substantivo): significando intensa alegria (cf. Jó 3,22; Pr 23,24; Os 9,1). No AT a alegria é uma qualidade, e não simplesmente

⁶⁹ Cf. GIROTTI, G. *Il Vecchio Testamento*, p. 349.

uma emoção, pois está fundamentada no próprio YHWH porque é dele que a alegria deriva (cf. Sl 16,11). A alegria está relacionada à vida nacional e religiosa de Israel e vem expressa particularmente em termos de excitação ruidosa, tumultuosa e festiva, sacrifícios e entronização (cf. Dt 12,6). A alegria espontânea é uma característica que prevalece no saltério como uma marca de adoração centrada no Templo (cf. Sl 42,4; 81,41) e de adoração pessoal (cf. Sl 16,8; 43,4). O profeta Isaías concebeu a alegria em diferentes condições rituais (cf. Sl 126), e ele associa isto à abundância da salvação que vem de YHWH.

Jetro, sogro de Moisés, alegrou-se pelos feitos de YHWH e ofereceu um sacrifício de comunhão para festejar as maravilhas que Ele fez pelo seu povo (Ex 18,9)⁷⁰.

A raiz $\eta\eta$ é recorrente em Isaías para manifestar a espera confiante em YHWH (cf. Is 8,17; 26,8; 33,2; 40,31; 49,23; 59,9.11). YHWH esperou no seu povo (cf. Is 5,2.4.7) e os povos distantes, também, esperam por YHWH (cf. Is 60,9; 64,2).

6.3. Juízo de condenação (vv. 10-12)

¹⁰Porque pousará a mão de YHWH,

neste monte,

mas será calcado Moab⁷¹ debaixo de seus pés,

como se calca um monte de palha no meio de Madmenah⁷².

⁷⁰ Jetro torna-se exemplo de quem, não sendo do povo eleito, reconhece que YHWH salva os que nele confiam (cf. FERNANDES, L. A. – GRENZER, M. Êxodo 15,22–18,27, p. 139).

⁷¹ *Há quem prefira ler m'ōyēb: inimigo no lugar de mō'ab, mas não há razões para isso (Cf. MARCONCINI, B. "Isaia", p. 219). A referência pode ser uma adição posterior. Esta correção, porém, não tem nenhum apoio crítico-textual. O lugar, madmenāh, que significa monte de esterco, da raiz $\eta\eta$ sugere Dimón, forma alternativa para Dibón, conforme Is 15,9 (Cf. POWER, E. "Isaías", p. 448). Como nome de pessoa madmenāh aparece em Js 15,31 e 1Cro 2,49. Há uma segunda ocorrência do termo em Is 10,31 como nome de um local.*

⁷² Textos paralelos: Is 2,2; Gn 19,37; Nm 21,29; Dt 23,6; Is 11,14; 63,3; Am 2,1-3.

Os vv. 10-12 contrastam com os vv. 6-9. A sorte de Moab é diametralmente oposta à sorte de Jerusalém, aludida na expressão: *nesto monte*. Curiosamente, de Moab se poderia avistar Jerusalém (cf. Dt 34,1-4). Talvez esse fato tenha servido de inspiração para Is 2,1-5.

O rebaixamento de Moab nos vv. 10-12 evoca a alegria que o fiel sente diante do que ele considera manifestação da justiça de YHWH sobre a cidade fortificada que ficou em ruínas (cf. Js 6,1-27). Esta alegria não deveria ser tomada como sinal de um nacionalismo déspota e vingativo de quem se compraz com a destruição de Moab. A lei do talião estaria na base dessa ação divina (cf. Ab 16). YHWH retoma um feito do passado em relação a Moab (cf. Dt 29,23 com a frase: *יְהוָה יִשְׁפֹּט יִשְׂרָאֵל*). YHWH fez silenciar os soberbos, mas protege os humilhados (cf. Is 25,1-5; Lc 1,51-52). O tema da mão de YHWH erguida, exigindo justiça, reaparece, mas ela é vista pelos ímpios, que serão consumidos pelo fogo de sua justiça (cf. Is 26,11).

O texto não informa o motivo pelo qual Moab deva ser destruído segundo a imagem da *palha* pisada *no lugar de esterco*, estes termos, nesta forma, ocorrem somente aqui no AT. É difícil a interpretação deste versículo por três motivos.

a) A primeira parte do v. 10a (*Porque pousará a mão de YHWH neste monte*) parece que se une bem ao versículo precedente, servindo de conclusão para a profissão de fé. Assim, os vv. 9-10a poderiam ser considerados, conjuntamente, um canto de ação de graças nos lábios dos que ouviram o anúncio (vv. 6-8) e, por isso, entoaram a sua confiança em YHWH.

Não há como dizer, com certeza, se Is 25,10b-12 fosse, originalmente, uma continuação do hino de ação de graças de Is 25,9-10a ou se foi acrescentado para manifestar a reação quanto ao feito descrito em Is 25,6-8. É certo, porém, que o autor julgou necessário enfatizá-lo, a fim de criar a antítese: YHWH, por um lado, ama a sua cidade, mas, por outro lado, desdenha Moab, que não terá qualquer participação na confraternização das nações com YHWH (cf. Dt 23,4).

Todavia, pela forma final do texto, aparece clara a expressão de poder: enquanto a mão de YHWH repousa sobre o monte Sião, verdadeira fortificação que dá segurança aos que habitam na sua cidade, os seus pés calcam a fortificação

da cidade inimiga, reduzindo à sua insignificância ou ao estado de submissão⁷³. Moab terá um vergonhoso final⁷⁴, e apesar de esforços desesperados, como faz o nadador para se salvar da morte por afogamento, não será capaz de resistir, porque será combatido pelo próprio YHWH. Dissipam-se, assim, quaisquer dúvidas sobre a presença e a soberania de YHWH sobre Sião e sobre todos os povos (cf. Js 23,3).

b) Moab não possuía alguma importância militar que justificasse uma ameaça, pois foi conquistado por Nabucodonosor em 582 a.C., e depois continuou submisso aos persas; Petra, em 312 a.C., foi tomada pelos Nabateus que se renderam ao domínio grego. Assim, do VI ao IV século a.C., Moab não poderia ser um rival de Judá. Então, os vv. 10b-12 não falam de Moab enquanto grupo racial ou político, mas como representante do que é cultural e religiosamente oposto à fé de Israel. A presença de moabitas, em Judá-Jerusalém entre os séculos V-IV a.C., poderia ter sido considerada uma ameaça à integridade e à pureza do povo repatriado (cf. Esd 9,1; Ne 13,1-3), pois ainda não tinha conseguido reerguer a sua identidade nacional⁷⁵.

O tema do orgulho humano rebaixado é típico de Isaías, que dirigiu um oráculo contra Judá-Jerusalém por suas injustas ações (cf. Is 2,11). Isto justificaria porque a punição de Moab aconteça sobre o mesmo monte onde YHWH manifesta a sua bênção para Sião. A ação contra Moab está descrita em termos cruéis e não se oferece uma razão para tal tratamento. Moab é assumido como protótipo do adversário perigoso do povo eleito e representante dos demais inimigos de Israel⁷⁶.

c) *Mademenah* pode ser a indicação de *Dibôn* de Moab (*Dhiban* é uma moderna aldeia no território jordaniano, ao leste do Mar Morto e a 6 km ao norte do rio Arnon). *Dibôn* é mencionada nos anais de Ramsés II que quis conquistá-la. *Dibôn*,

⁷³ Esta comparação aparece mais evidente na *hino* de Is 26,1-6.

⁷⁴ Em Is 24-27, Moab é o único povo estrangeiro mencionado explicitamente.

⁷⁵ Cf. SIMIAN-YOFRE, H, *Testi laiani dell'Avvento*, p. 62-63. É possível que neste contexto, entre grupos discordantes quanto à ameaça estrangeira, tenha surgido o livro de Rute que coloca uma moabita como ancestral do glorioso rei Davi (cf. FERNANDES, L. A. *Rute*, p. 13-18; DONATELLA, S. *Rut*, p. 23-49).

⁷⁶ Vários textos apresentam a temática do aniquilamento do inimigo como uma ação concedida por YHWH. Gedeão aniquila Zebá Sálmana (cf. Jz 8,7); Joacaz é quase eliminado pelo rei de Aram (cf. 2Rs 13,7); Damasco será destruído por ter esmagado Galaad (cf. Am 1,3); Israel será reerguido e triunfará sobre os inimigos (cf. Is 41,8-20); Sião será vitoriosa sobre os povos inimigos (cf. Mq 4,11-13).

originalmente pertenceu a Moab, mas foi conquistada por Seon, rei dos Amorreus (cf. Nm 21,26). Os Israelitas ocuparam-na ao derrotar Seon (cf. Nm 21,30), e foi dada às tribos de Rúben e Gad (cf. Nm 32,2-3). Gad construiu *Dibôn* (cf. Nm 32,34), passando a se chamar *Dibôn-gad* (cf. Nm 33,45); mas Js 13,15-17 atribui a Rúben a conquista de *Dibôn*, que provavelmente é um dos lugares de parada durante o percurso pelo deserto (cf. Nm 33,45-46). A estela encontrada em *Dibôn* revela que Moab esteve sujeito a Israel no tempo de Amri (885-874 a.C.) e de Acab (874-853 a.C.) e celebra a vitória que lhe deu libertação de Israel. Estes traços foram brevemente conservados em 2Rs 3,4-27. Isaías e Jeremias referem-se a *Dibôn* como uma cidade Moabita (cf. Is 15,2; Jr 48,18-22). Jr 48,2 cita *madmên* ao invés de *madmenāh*.

¹¹E estenderá as suas mãos no meio dele,
como estende o nadador para nadar,
mas rebaixará seu orgulho,
com a habilidade de suas mãos.⁷⁷

O sujeito da primeira ação é Moab. שָׁרַף indica a ação de *estender-esticar* as mãos, as asas, ou a rede de pesca. Este ato evoca, também, a posição de quem está em oração e as mãos devem estar elevadas e estendidas na direção do templo (cf. 1Rs 8,38; 2Cro 6,29).

Jz 3,28-30 afirma que Moab foi abatido debaixo das mãos de Israel, sob o comando de Aod que feriu dez mil moabitas robustos e valentes.

A habilidade das mãos de Moab é citada e diz respeito à sua capacidade de empunhar a espada, que de nada lhe valeu diante da coalizão entre o rei de Israel, o rei de Judá e o rei de Edom. A vitória, porém, só aconteceu graças à intervenção de Eliseu e devido ao gesto do rei de Moab que, imolando o seu filho sobre a muralha, causou consternação e pânico aos três reis, que desistem da guerra, provavelmente por medo de se sentirem alvo da cólera da alta divindade moabita: *Camos* (cf. 2Rs 3,4-27).

⁷⁷ Textos paralelos: Lv 26,19; Jó 40,12; Is 5,25; 14,26; 16,14; Lc 1,51.

Moab estenderá as suas mãos no meio do seu corpo (partes internas), este é o sentido do termo מְקַרְבֵּן, que é um substantivo masculino singular construto, regido pela preposição e seguido do sufixo de terceira pessoa masculino singular (בְּקַרְבּוֹ). O sufixo não poderia corresponder a *madmenāh*, por ser um substantivo feminino. A imagem faz sentido, confirmada pela ação que se segue. Moab baterá os braços realizando o movimento do nadador. Pode-se dizer, metaforicamente, que Moab tenta encontrar algo para se apegar em suas estruturas sociais, mas nada encontra que o possa salvar, nem mesmo as suas divindades. No contexto de julgamento, aparece a imagem da água que plaina e *estende* as suas asas contra Moab em Jr 48,40.

A locução *o nadador para nadar*, utilizando duas vezes a raiz נהה no participio masculino singular absoluto e no infinito construto regido pela preposição, é única em toda a Bíblia Hebraica. O mesmo verbo é usado no hifil para indicar a ação de quem está imerso na sua tristeza e no seu pranto (cf. Sl 6,7).

O sujeito do verbo rebaixar não pode ser Moab, mas YHWH. O orgulho de Moab pode ser uma referência particular a seu deus *Camos*, que não foi capaz de salvá-lo (cf. Jr 48,7.13), ou à fama bélica dos moabitas, que apareceria ratificada pela alusão à habilidade de suas mãos (cf. Jr 48,14.25), ou uma alusão ao seu *status* (cf. Jr 48,29), mas Jr 48,42 afirma que Moab foi exterminado por ter se exaltado contra YHWH. Apesar de tudo, Moab poderá ter a sua sorte mudada por YHWH (cf. Jr 48,47)⁷⁸.

¹²E fortificação alta⁷⁹ dos teus muros fará ruir⁸⁰,

fará inclinar,

fará tocar por terra como pó.⁸¹

⁷⁸ מְקַרְבֵּן תִּתֵּן יָמֶיךָ falta na LXX e corresponderia a ἐσχάτων τῶν ἡμερῶν (cf. Jr 30,24; 49,38).

⁷⁹ O aparato crítico sugere אֶצֶעַל יְהוּדָה e rocha alta. BHS^{app} sugere, com base na ausência do termo na LXX, eliminar o verbo no hifil הִשְׁפִּיל. Não há razão para tal eliminação, pois o texto tem sentido como se apresenta.

⁸⁰ A ação está ausente na LXX, mas presente na Vg, permitindo manter o TM.

⁸¹ Textos paralelos: Is 2,15; Jó 40,11; Is 15,1; Jó 12,19.

Três verbos no hifil dão a idéia de uma ação devastadora em um crescendo, a fim de evidenciar a total destruição à qual foi submetida a cidade opressora, não lhe restando chance de salvação, apesar de seus grandes esforços.

O sujeito dessas três ações é YHWH. A dinâmica é clara: em Moab, o que era alto e tido por forte foi derrubado, foi colocado ao nível do solo e demonstrou-se fraco diante de YHWH. Como Jericó, que sucumbiu ante o exército de YHWH comandado por Josué, vindo à ruína, Moab foi abatido. Uma vez que a fortaleza foi derrubada, todos podem passar e pilhar a cidade. Nada, nesta cidade, ofereceu segurança.

A locução, *tocar por terra como pó*, evoca a total destruição. Na antiguidade, os ataques inimigos a uma cidade tinham por finalidade impor uma destruição que impedisse o soerguimento por parte dos remanescentes. Era um sinal visível de que a divindade mais forte venceu a outra. Nesse sentido, a YHWH triunfou. É um julgamento pronunciado contra a arrogância de Moab.

Is 16,6 anunciava a arrogância desmedida de Moab. O extermínio do arrogante é um tema dominante no livro (cf. Is 2,9.11.17; 5,15; 26,5; 29,4; 60,14). Quanto mais se elevam os inimigos em seu orgulho contra YHWH e seus eleitos, tanto mais profundamente serão levados à ruína.

Este versículo é muito semelhante a Is 26,5-6, mas de forma positiva, pois exalta a terra de Judá por ter uma cidade forte graças à presença de YHWH que é rocha eterna. Is 26,5-6 concretiza a profecia de forma apropriada com o contexto da cidade fortificada⁸². Não obstante isso, de forma muito parecida, Lm 2,2 relata que a fortaleza da filha de Judá foi devastada até a terra.

7. Considerações finais: texto histórico, escatológico ou apocalíptico?

Is 25,6-12 provoca questionamentos: É possível admitir que a *esperança do povo eleito*, da antiga e da nova aliança, se imponha, quanto ao futuro, com

⁸² Cf. KAISER, O. *Isaiah 13-39*, p. 204.

mais propriedade do que os *bons anseios humanos*, presentes em todos os povos? Se a esperança não estiver subordinada à fé, mas apenas ligada aos bons anseios e às boas obras, ela seria capaz de ajudar o ser humano a suportar o peso das injustiças? Os verbos no futuro de Is 25,6-12 dizem respeito ao anúncio e à interpretação do tempo, como definitivos para a história, ou seriam apenas indicadores de uma conclusão para um momento crítico da história?

A resposta e a solução para estes questionamentos não depende, somente, da interpretação isolada de Is 25,6-12, mas do conjunto ao qual este texto encontra-se inserido (Is 24–27) e do modo como este conjunto é classificado: apocalíptico ou escatológico.

O que foi concebido como escatologia intra-histórica tornou-se visão apocalíptica na literatura profética. Chegou o tempo da abundância de comida e bebida, a morte é vencida e não há mais motivos para chorar (cf. Is 25,8), os mortos ressurgem das tumbas e vivem novamente com YHWH sobre seu monte santo (cf. Is 26,29), os mártires são vingados (cf. 2Rs 21,1-18; Is 26,21), Israel e Judá são restaurados e perdoados, porque os seus pecados foram expiados (cf. Is 27,9), YHWH é vitorioso não somente sobre os maus, mas sobre o próprio mal, simbolizado pelo Leviatã, a serpente do caos (cf. Is 27,1). Todos estes sinais não denotam o fim da história presente do povo eleito e de todos os povos, mas abre a própria história para uma nova existência, que continua em uma nova época, na qual YHWH reina soberano (base da mensagem que se encontra no Apocalipse de João?).

Os temas centrais do conjunto: juízo universal e instauração da realeza divina em Sião, não estão, necessariamente, relacionados com o fim definitivo do mundo atual. Nesse sentido, fica excluída uma escatologia trans-histórica e definitiva. Is 25,6-12 apresenta uma visão universal do domínio de YHWH sobre todos os povos, mostrando que são chamados a um acerto de contas.

O universalismo, presente no texto, possibilita afirmar que se está diante de uma escatologia grandiosa e exaltante, mas intra-histórica, na qual se vislumbra certo privilégio para Israel, enquanto depositário da fé em YHWH que elegeu e reina triunfante sobre todos os povos a partir de Sião. A esperança do povo eleito, então, torna-se um testemunho para que os anseios de todos os povos se

concretizem e suas boas obras sejam vistas como sinais da presença e da ação de YHWH além dos confins visíveis do povo eleito e de Canaã.

Os temas tratados em Is 24-27 são de caráter escatológico, pois se descreve um juízo seguido da instauração de uma nova ordem⁸³.

No conjunto, Is 24–27 é uma reinterpretação profética sobre uma cidade que é destruída: em um primeiro momento, Moab, depois Babilônia, e pelo uso litúrgico, que separa o texto do seu contexto histórico, torna-se protótipo da vitória de YHWH sobre a “cidade do caos” (cf. Is 24,10; 25,2), símbolo de tudo o que é mau e hostil. Esta cidade é concebida em oposição à nova condição de Sião, na qual YHWH reina sobre todos e para os quais prepara o seu banquete escatológico, para todos os que afluem em peregrinação (cf. Is 24,23; 25,6).

A morte é eliminada, não há mais dor (cf. Is 25,8), mas os sinais, presentes no conjunto, não permitem dizer que se está falando do fim universal da história de forma trans-histórica. É a proclamação de uma nova etapa da mesma história, na qual YHWH reina soberano sobre todos os povos⁸⁴.

Is 25,6-12 permite ambiguidades na interpretação? Por um lado, o texto trata de morte, lágrimas e vergonha, que indicam realidades de sofrimento e de angústia já superadas. O banquete, então, é celebração de vitória antecipada. A situação não é mais de exílio, mas posterior a ele. Por outro lado, porém, o texto poderia ainda ser interpretado como indicador de uma nova situação: quem participa do banquete obtém as condições necessárias para ver eliminadas a morte e as suas consequências: a dor, o luto, as lágrimas e o opróbrio. Nas duas possibilidades, a nova situação é definitiva, visto que o antes e o depois são afirmados no v. 9. Há uma mudança qualitativa na sorte dos que experimentaram a salvação e que abre uma nova época, na qual passado, presente e futuro se entrelaçam⁸⁵.

Portanto, a partir dos elementos presentes no comentário, pode-se dizer que o texto combina dois tipos de escatologia intra-histórica: um juízo de salvação

⁸³ Cf. POWER, E. “*Isaiás*”, p. 447; ALONSO SCHÖKEL, L. – SICRE DIAZ, J. L. *Profetas I, Isaiás e Jeremias*, p. 208.

⁸⁴ Cf. GRECH, P. *Ermeneutica e Teologia Bíblica*, p. 14.

⁸⁵ Cf. SIMIAN-YOFRE, H. *Testi Iaiani dell'Avvento*, p. 61-62.

(vv. 6-8), intercalado pela profissão de fé (v. 9), seguida de um juízo de condenação (vv. 10-12).

Alguns elementos escatológicos presentes no texto confirmam estas afirmações:

- a) Há uma referência ao tempo futuro pelos verbos e pela promessa que se concretiza. Isto aproxima os feitos de YHWH nos vv. 6-8 ao reconhecimento contido na profissão de fé do v. 9. Os que foram salvos contemplam e se alegram com a justiça divina manifestada na destruição da cidade inimiga. Verifica-se o esquema de promessa-realização, pois o v. 8 termina com uma afirmação solene: *porque YHWH falou*.
- b) Há uma mudança qualitativa em relação ao que até agora se experimentava. Por um lado, ocorre um juízo de YHWH sobre a situação de morte e o opróbrio do seu povo. Este toma parte no banquete junto aos outros povos, no qual se celebra a salvação, como vitória sobre a morte e as suas consequências. Por outro lado, ocorre um juízo de condenação para Moab, símbolo da cidade hostil e opressora. Moab não recebe a chance de se converter e alcançar a salvação junto com os outros povos. Os seus esforços apontam para o orgulho de quem busca salvar-se a si mesmo e se recusa a pedir perdão.
- c) A intervenção, nos dois casos, é uma ação exclusiva de YHWH. A preparação do banquete, a destruição da morte, e a remoção do opróbrio do seu povo, do meio de toda a terra, ultrapassam as capacidades humanas. A realidade que se instaura é nova.
- d) Não há menção da conversão dos eleitos e dos povos agraciados. Há, sim, a fé e a esperança dos que tomam parte no banquete por terem reconhecido YHWH como Deus e ter esperado o seu auxílio. A atitude é tomada frente à ação de YHWH a favor dos que ele elege.

É possível reconhecer, aproximando-se com fé e razão dos textos bíblicos, que o povo eleito foi tomando consciência de que a realização dos seus anseios mais profundos, vista como salvação total, é um bem a ser construído diariamente por meio de relações interpessoais de justiça na vertical (com YHWH)

e na horizontal (com o semelhante). Esta realização-salvação total não é algo exclusivo, nem para poucos, ela é universal, pertence ao futuro e é objeto de esperança, pois é um caminhar rumo à conclusão da história.

Enquanto se caminha nessa direção, a concretização da salvação universal vai acontecendo como reinado de Deus, vislumbrado nos sinais de fartura partilhada pela comunhão dos bens, de paz, de alegria, de superação do sofrimento, da dor, da morte e, principalmente, da ignorância sobre o sentido e o valor da vida na história.

Graças às experiências de carências materiais, aprende-se a esperar e a viver o hoje, em relação ao passado, em contínua tensão verso um futuro melhor. Isto favorece a aceitação de que, enquanto peregrinos, o presente é incompleto, mas permite ter o olhar voltado para além do que é efêmero e provisório. Com os pés no chão, percebe-se que o dia a dia está grávido de esperança, almeja um futuro mais justo, humano e fraterno para todos. Um futuro que exige o empenho diário de cada indivíduo em comunhão com a inteira família humana, que aprende a viver melhor com as lições do passado.

Instaura-se, pela fé, a tensão entre história e concretização, entre passado, presente e futuro, entre empenho e dedicação humana e graça divina, entre juízo de condenação e juízo de salvação. A conclusão positiva, que o fiel deseja ver para a sua vida pessoal e para a história, é concebida como graça de YHWH na operosidade humana. YHWH que tudo criou sem a participação humana não salvará sem a participação daquele que é a sua imagem e semelhança. É no acolhimento do reinado de Deus que cada ser humano, no hoje da sua história, decide o seu futuro. Foi isso que Jesus Cristo fez e ensinou aos seus discípulos.

A imagem do banquete oferecido sobre o monte Sião é expressão e símbolo de uma realidade jamais experimentada nesta vida (instituição da eucaristia na última ceia?). É o retrato da fé de quem almeja a salvação como comunhão humana, mas sabe que esta somente será possível mediante uma vida de comunhão com YHWH.

Os povos, que antes estavam separados por suas lutas, rivalidades e desejos de soberania, agora, estão convidados a se sentar ao redor da mesma mesa,

comendo a mesma comida e bebendo a mesma bebida, oferecidos por YHWH. É expressão de bem-estar físico, que representa o desejo dos que lutam para sobreviver com o pouco que possuem. Este bem-estar não é completo se é fruto de injustiças que assolam a dignidade humana. Os esforços humanos resultam vãos na medida em que as riquezas materiais assumem um caráter absoluto, gerando injustiça, pois ela é fruto da cobiça e tem suas raízes no coração do ser humano, impregnando as estruturas sociais (cf. Is 1,21-28). A falta de caráter nos altos níveis dos governos permite que terríveis injustiças sejam cometidas contra os que não possuem nem voz e nem vez. A voz profética dos que acreditam no bem, na justiça e na verdade não se cala e continua incomodando a consciência dos que, arbitrariamente, só querem levar vantagem sobre os menos favorecidos.

Todas as frustrações da vida, particularmente a morte, são dissipadas. A dura realidade, até então vista debaixo de um véu turvo e sem muito sentido, adquire forma clara a partir da ação de YHWH. A “fatalidade”, fruto da ignorância, cede espaço à finalidade, fruto da revelação divina.

A fé do homem bíblico, em particular do profeta, não é passividade ou um “lavar-se as mãos” frente ao impossível, mas é uma resposta a ser dada como adesão incondicional a YHWH que cria, preserva, sustenta e conduz a história em parceria com o ser humano.

A importância de Is 24–27, em relação ao contexto anterior, contendo oráculos contra as nações (cf. Is 13–23), e em relação ao contexto posterior, revendo a história sobre Israel, Judá e outras nações (cf. Is 28–35), diz respeito tanto ao aspecto da reinterpretação profética quanto ao fato de servir como interpretação do que acontecerá para a história em geral a partir do que acontece na história particular de Moab.

O ouvinte-leitor, assim, pode perceber e entender o sentido pleno do texto que vai da escatologia intra-histórica para a escatologia trans-histórica, porque se encaminha para a concretização da divina promessa de que haverá novos céus e uma nova terra, onde se habita sem morte e na plenitude da justiça (cf. Is 65,17; 66,22; 2Pd 3,13; Ap 21,1.17).

Bibliografia

- ACHARD, R. Martin. “Isaia”. In: AMSLER, S. et alii., *I Profeti e i libri profetici*. Roma: Borla, 1987, p. 77-101.
- ALONSO SCHÖKEL, Luis – SICRE DIAZ, J. Luis. *Profetas I, Isaías e Jeremias*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- ASURMENDI, J. M. *Isaías 1–39*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- AUVRAY, Paul. – STEINMANN, Jean. “ISAÏE”. In: *LA SAINTE BIBLE*. Paris: Du Cerf, 1951.
- BAILLY, Anatole. *Dictionnaire Grec – Français*. Paris. 1950: Hachette, p. 827-828.
- BALLARINI, P. Theodorico. *Introdução à Bíblia*, II/3. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BECKER, Udo. “Montanha”. In: *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Paulus, 1999.
- Biblia Sacra Hebraica et Graeca*. Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1994.
- BLINKINSOPP, Joseph. *Storia della profezia in Israele*. Brescia: Queriniana, 1997.
- CAPPELLETTO, Gianni. – MILANI, Marcello., *In ascolto dei profeti e dei sapienti*. Padova: Messaggero, 2001³.
- CHILDS, S. Brevard. *Isaiah*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001.
- CLEMENTS, Ronald E. *Isaiah 1–39*. Michigan: Grand Rapids, 1980.
- DEISSLER, Alfons. *L’annuncio dell’Antico Testamento*. Brescia: Paideia Editrice, 1980.
- DOHMEN, Christoph. “הַצְּבִי”. In: G. J. BOTTERWECK – H. RINGGREN et alii. *Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament* [vol. IV]. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 1984, pp. 1010-1016.
- DONATELLA, Scaiola. *Rut*. Milano: Paoline, 2009.
- DUHM, Bernhard. *Das Buch Jesaja*. KAT III/1. Gotinga: 1922.
- FERNANDES, Leonardo Agostini. *A Dimensão Escatológica do Yôm YHWH em Sf 1,14-18* [Diss. Mestrado]. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002.
- _____, “O yôm YHWH, expressão e temática no corpus dos Doze Profetas” [1ª parte]. *Ateo* 29 (2008) 201-211.
- _____, “O yôm YHWH, expressão e temática no corpus dos Doze Profetas” [2ª parte]. *Ateo* 30 (2008) 335-360.
- _____, *O Yôm YHWH em Jl 2,1-11. Um estudo temático em Joel e o seu influxo no Dodekapropheton*. (Diss/Doutorado). Roma: 2008.
- _____, “Salmo 42,1-12: O fiel diante das crises”. In: Soter 2010 (org.), *Religiões e Paz Mundial* 23º Congresso Internacional. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 266-287.
- _____, *Rute*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- _____, *Evangelização e Família. Subsídio bíblico, teológico e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- _____, *Paulo e a Igreja de Tessalônica. Vivência da paz e da alegria do Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 2017.
- FERNANDES, Leonardo Agostini. – GRENZER, Matthias. Êxodo 15,22–18,27. São Paulo: Paulinas, 2011.

- GIROTTI, Giuseppe. *Il Vecchio Testamento*, Vol. VII. Torino: Editoriale di C. Fanton, 1942.
- GRECH, Prosper. *Ermeneutica e Teologia Biblica*. Roma, s/d.
- GRESSMANN, Hugo. *Der Ursprung der jüdisch-israelitischen Eschatologie*, 8-192; *Der Messias*. Göttingen: 1929.
- GRÖNBAEK, J. K. “Zur Frage der Eschatologie in der Verkündigung der Gerichtspropheten”. In: *Eschatologie im Alten Testament*, Darmstadt, 1978, p. 133-134.
- GROSS, H. “Traços Principais da Escatologia do Antigo e do Novo Testamento”. In: J. FEINER - M. LOEHRER (ed.), *Mysterium Salutis*, V/3. Petrópolis: Vozes, 1985.
- JOHNSON, Dan G. *From Chaos to Restoration. An integrative Reading of Isaiah 24-27*. JSOT.S 61. Sheffield: Academic Press, 1988, p. 64;
- KAISER, Otto. *Isaiah 13-39. A Commentary*. Philadelphia: Westminster Press, 1974.
- KELLEY, Page H. – MYNATT, Daniel S. – GRAWFORD, Timothy G. *The Masorah of Biblia Hebraica Stuttgartensia. Introduction and Annotated Glossary*. Michigan/Cambridge: Grand Rapids, 1998.
- La Sainte Bible*, traduite en français sous la direction de l'École Biblique de Jérusalem, *ISAÏE*, traduit par le R. P. AUVRAY de l'Oratoire et J. STEIMANN. Paris: Du Cerf, 1951.
- LIMA, M. L. Corrêa. “Escatología”. In: BARRIOCANAL GOMES, J. L. *Diccionario del Profetismo Bíblico*. Burgos: Monte Carmelo, 2008, p. 255-266.
- _____, *Mensageiros de Deus: Profetas e Profecias no Antigo Israel*. São Paulo/Rio de Janeiro: Reflexão/PUC-Rio, 2012.
- _____, *Salvação entre Juízo, Conversão e Graça: A perspectiva escatológica de Os 14,2-9*, Roma: PUG, 1998.
- LINDBLOM, Johannes. *Die Jesaja-Apokalypse. Jes. 24-27 (Lunds Universitets Arsskrift. N. F. Avd. I, 34/3)*. Lund-Leipzig, 1938.
- _____, “Gibt es eine Eschatologie bei den alttestamentlichen Propheten?”. *StTh* 6 (1952) 79-114.
- LLAMAS VELA, A. “La Apocalíptica”. In: BARRIOCANAL GOMES, J. L. *Diccionario del Profetismo Bíblico*. Burgos: Monte Carmelo, 2008, p. 71-83.
- MARCONTINI, Benito. “Isaia”. In: VV. AA. *Il Messaggio della Salvezza, Profetismo, Profeti e Apocalittica*. Leumann (Torino): ELLE DI CI, 1985⁵.
- MARCONCINI, Benito. “Isaia”. In: MARCONCINI, B. et alii., *Profeti e Apocalittici*. Leuman/Torino: ELLE DI CI, 1994.
- MAZZINGHI, Luca. *Storia d'Israele dalle origini al periodo romano*. Bologna: EDB, 2007.
- McKENZIE, John L. “Isaías” e “Sacerdócio”. In: *Dicionário Bíblico*, 5ª edição, São Paulo, Paulus, 1983.
- MENICOCCI, Marco. “I re tragici di Israele - La narrazione delle origini della monarchia in Israele come problema storico”. In *Antrocon*, vol. 7, n. 2011, p. 1-19. [<http://www.antrocom.net/upload/sub/antrocom/070111/01-Antrocom.pdf>: acesso em 04/02/2012].

- MONTAGNINI, Felice. *Isaías 1-39, o olhar do profeta sobre os acontecimentos da história*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- MÜLLER, Hans-Peter. *Ursprünge und Strukturen alttestamentlicher Eschatologie* (BZAW 109). Berlin: 1969.
- NELLIS, J. “Escatologia”. In: VAN DEN BORN, A. (red). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Petrópolis: Vozes, 1971, p. 464-471.
- NIEHR, Herbert. “Il libro di Daniele”. In ZENGER, Erich [ed.]. *Introduzione all’Antico Testamento*. Brescia: Queriniana, 2005.
- PERANI, Mauro. “La Concezione Ebraica del Tempo: Appunti per una Storia del Problema”. *RivBliIt* 26(1978) 401-421.
- PIDOUX, Georges. *Le Dieu qui vient, espérance d’Israël*. Paris: Delachaux & Niestlé, 1947.
- POWER, E. “Isaías”. In: *Verbum Dei, comentario a la Sagrada Escritura*, Tomo Segundo, Antigo Testamento: Esdras a Macabeus. Barcelona: Editorial Herder, 1956.
- PREUSS, Horst Dietrich. *Jahweglaube und Zukunftserwartung* (BWANT 87). Stuttgart, 1968.
- REHFELD, Walter. I. *Tempo e Religião. A experiência do homem bíblico*, São Paulo: Perspectiva / Edusp, 1988.
- REIS, Antonio Bento Gomes. *Salvação como nova criação: um estudo sobre o termo rûah em Ez 37,1-14* [Diss. Mestrado]. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010.
- RENDTORFF, Rolf. *Introduzione all’Antico Testamento. Storia, vita sociale e letteratura d’Israele in epoca biblica*. Torino: Claudiana 2001.
- ROBERT, André – FEUILLET, André. *Introdução à Bíblia* [Tomo II]. São Paulo: Vozes, 1967.
- RÖMER, Thomas – MACCHI, Jean-Daniel – NIHAN, Christophe (org.). *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Vozes, 2010.
- SAEBØ, Magne. “Eschaton und Eschatologie im Alten Testament”. In: HAUSMANN, J. –ZOBEL, H.-J. (ed.), *Alttestamentlicher Glaube und Biblische Theologie*, Stuttgart-Berlin-Köln-Mainz, 1992, p. 321-330.
- SCHÜPPHAUS, Joachim. “עֲלֵי”. In: BOTTERWECK, G. J. –RINGGREN, H. et alii. *Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament* [vol. I]. Stuttgart: Verlag W. Kohlrammer, 1973, p. 1337-1344.
- SELLIN, Ernst. – FOHRER, George. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- SEVERINO CROATTO, José. *Isaías. Vol I: 1-39. O profeta da justiça e da fidelidade*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Methodista/Vozes, 1989.
- SICRE, J. Luis. *Com os pobres da Terra. A justiça social nos profetas de Israel*. São Paulo: Academia Cristã/Paulus 2011.
- _____, *Profetismo em Israel. O Profeta, os profetas, a mensagem*. Vozes, Petrópolis, 1996.
- SILVA, L. H. Eloy. “O Sentido Teológico do Texto Bíblico: releitura e horizontes da intervenção de Bento XVI durante o Sínodo sobre a Palavra na Vida e na Missão da Igreja”. In: *Horizonte Teológico* v. 10, n. 18 (jul./dez. 2010) pp. 9-27.

- SIMIAN-YOFRE, Horacio. *Testi Iaiani dell'Avvento*, Esegese e Liturgia. Bologna: EDB, 1996.
- SOGGIN, J. Alberto. *Introduzione All'Antico Testamento*. Brescia: Paideia Editrice, 1974.
- THOMPSON, J. A. "Dibon". In: *The New Bible Dictionary*, (Wheaton, Illinois: Tyndale House Publishers, Inc.) 1962; in Logos-Bible [versão 2.1], 1995-1997.
- TOSATO, Angelo. *Vangelo e ricchezza. Nuove prospettive esegetiche*. Torino: Rubbettino, 2002.
- VERMEYLEN, Jacques. "Isaías". In: RÖMER, T. –MACCHI, J-D. –NIHAN, C. (org.), *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Vozes, 2010.
- VLKOVÁ, G. Ivana. *Cambiare la Luce in Tenebre e le Tenebre in Luce. Uno Studio tematico dell'alternarsi tra la luce e le tenebre nel libro di Isaia*. Roma: PUG, 2004.
- von RAD, Gerard. *Teologia do Antigo Testamento*, vol. 2, São Paulo, 1974.
- WANKE, G. "'Eschatologie'. Ein Beispiel theologischer Sprachverwirrung". *KuD* 16 (1970) 300-312.
- WATTS, John. D. W. *Isaiah 1-33* [WBC, vol. 24]. Dallas-Texas: Word Books, 1985.
- WILDBERGER, Hans. *Jesaja 13-27* [BKAT 10/2]. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1989².

Recebido em: 13/06/2018

Aprovado em: 26/06/2018